



PROFHISTÓRIA

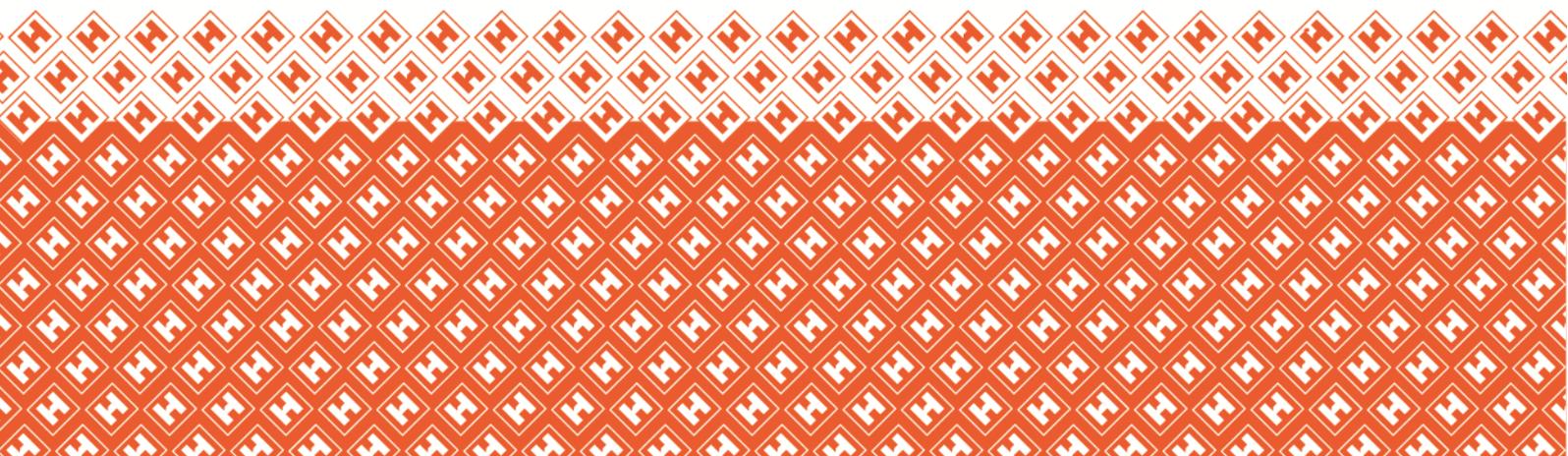
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

LEONARDO ARRUDA GONÇALVES

**Espaço das utopias no cotidiano escolar:
a organização de um Laboratório de
História**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

Dezembro / 2020



LEONARDO ARRUDA GONÇALVES

**O ESPAÇO DAS UTOPIAS NO COTIDIANO ESCOLAR: A CONSTRUÇÃO DE
UM LABORATÓRIO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal Fluminense, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória. A linha de pesquisa adotada neste projeto é *Saberes Históricos no Espaço Escolar*.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Marcos Pinheiro Barreto – UFF

Orientador

Prof. ^a Dr^a Larissa Moreira Viana – UFF

Prof. Dr Mauro Henrique de Barros Amoroso – UERJ

Prof. Dr. Mário Sérgio Ignácio Brum – UERJ

Niterói, RJ

2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BEE
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G635e Gonçalves, Leonardo Arruda
O ESPAÇO DAS UTOPIAS NO COTIDIANO ESCOLAR: A CONSTRUÇÃO DE
UM LABORATÓRIO DE HISTÓRIA / Leonardo Arruda Gonçalves ;
Marcos Pinheiro Barreto, orientador. Niterói, 2020.
93 f.

Dissertação (mestrado profissional)-Universidade Federal
Fluminense, Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PMI.2020.mp.04786960780>

1. História. 2. História Oral. 3. Memória. 4.
Laboratório de História. 5. Produção intelectual. I.
Barreto, Marcos Pinheiro, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Escola de Engenharia. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Sandra Lopes Coelho - CRB7/3389

Dedico essa dissertação

A todos aqueles que acreditam
que as utopias são realizáveis.

Agradecimentos

Por mais estranho que possa parecer esta é a parte mais difícil de todo o trabalho, pois sempre temo esquecer as pessoas que participaram dessa jornada, mas que pela emoção do momento, acabei não citando aqui. Para esses queridos, eu já peço desculpas e saibam que, independente de qualquer coisa todos vocês têm um lugar cativo em meu peito.

Agradeço aos companheiros do cotidiano, aos amigos que fiz no decorrer desses dois anos de mestrado, parceiros das noites de quinta, tardes de sexta, e Cantareira. Vocês fizeram toda a diferença e ajudaram nos momentos mais complicados. Muito obrigado de verdade, pois quando um pensava em desistir, outro gritava “ninguém solta a dissertação de ninguém!”

Estendo este agradecimento aos membros da banca, pois cada um participou de alguma forma dessa longa jornada. Ao Marcos, o meu mais sincero agradecimento por entrar nesse navio comigo e, depois de quase sair da rota, ajudar-me a encontrar um porto seguro. Obrigado, Larissa, por ser essa pessoa incrivelmente humana, que sempre acreditou no projeto e, mesmo sem saber, deu-me muita força ao longo de todo o caminho. E não posso me esquecer do Mauro, que participou desde o início de toda essa longa história e agora estará presente na conclusão desse processo: *keep on rocking!*

Obrigado Maria Alice, mãe, que, do jeito dela, sempre esteve ao meu lado, assim como meu irmão Guilherme, que fazia a pergunta mais inconveniente de todas: “como está o mestrado?”. Agradeço à Baiana, companheira, por sempre estar por perto e ajudar-me rigorosamente em todos os momentos, tanto no afago quanto na cobrança. Ao Bruno que sempre dizia que eu precisava experimentar a sensação da conclusão. Agora eu sinto. Obrigado por tudo.

Por fim, agradeço a todos os meus alunos, de ontem, de hoje e do amanhã, pois, se me dediquei a esse mestrado, foi para poder oferecer o melhor de mim sempre. Os alunos do passado me inspiraram, os do presente me ajudaram e os do futuro encontrarão um professor ainda mais apaixonado pelo que faz.

Resumo: O presente trabalho objetiva demonstrar como a construção de um laboratório de História no ambiente escolar pode contribuir para o desenvolvimento de saberes conectados com o cotidiano dos alunos e sua própria história. O Laboratório de História do Rio de Janeiro (LabHisRio) é o espaço privilegiado para o desenvolvimento de diversas atividades envolvendo várias formas de se trabalhar com a História, tendo como eixo central a cidade do Rio de Janeiro. No caso apresentado nesta dissertação, foi utilizada a metodologia da História Oral e a Memória para recontar, por meio de entrevistas realizadas pelos alunos, uma parte da história da cidade onde moram por meio da inauguração da estação de metrô em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Acreditamos que os trabalhos realizados no laboratório contribuirão para a compreensão do fazer histórico, pois estaremos todos atuando como historiadores, ou no caso dos alunos, em uma ação historiadora.

Palavras-chave: história oral; laboratório; ensino de história.

SUMÁRIO

Introdução	8
1 – História Oral, Memória e História Local: uma perspectiva para o ensino de História	11
1.1 – As contribuições da História Oral e o lugar da Memória	11
1.2 – Dialogando com a História Local	24
1.3 – Os usos e abusos da Memória, História Oral e História do Lugar em sala de aula	30
2 – Um Laboratório de História na Educação Básica	35
2.1 – Construindo utopias	35
2.2 – Um Laboratório de humanidades na educação básica. É possível?	40
2.3 – Por que precisamos de um Laboratório de História no espaço escolar?	43
3 – Como organizar um Laboratório de História	46
3.1 – Projetos e desafios: construindo um laboratório	46
3.2 – Metodologia e organização do cotidiano	47
3.3 – O nosso LabHisRio: proposta de trabalho	49
3.3.1 – Projeto do LabHisRio	50
3.3.2 – O espaço do laboratório	50
3.3.3 – Público alvo	51
3.3.4 – O cotidiano do laboratório	53
3.3.5 – Resultados esperados	54
3.4 – Organizando o LabHisRio em tempos de pandemia	55
3.5 – Os encontros virtuais do LabHisRio	58
4 – Considerações finais	63
5 – Referências	67
6 – Anexos	71

6.1 – Carta de apresentação	71
6.2 – Apresentação do projeto para os gestores do colégio	73
6.3 – Materiais entregues aos alunos que participaram do LabHisRio	80
6.4 – Modelos de cartas de cessão da entrevista	88
6.5 – Roteiro para a entrevista	90
6.6 – Entrevista transcrita	91

Introdução

As conversas entre os professores são interrompidas pelo som do sinal que anuncia o início do dia de trabalho. Como que por instinto, todos caminham em direção às salas de aula, consultando seus horários para saber onde entrarão. Os alunos, que também escutaram o mesmo sinal, estão (ou deveriam estar) em sala, aguardando a chegada dos professores, cientes de que em breve terá início mais um ano letivo. Guardadas algumas diferenças, posso afirmar que essa cena é anualmente repetida em várias escolas do país. Os sentimentos compartilhados entre professores e alunos muitas vezes são os mesmos. Naquele momento, é provável que estejam todos ansiosos, curiosos e cheios de expectativas com relação a tudo o que poderá acontecer ao longo daqueles meses que virão.

A descrição feita acima refere-se ao primeiro dia de aula numa escola qualquer e admitimos que se trata de uma visão otimista do processo, mesmo sabendo que nem sempre é assim¹. Mas poderia ser. Atualmente professores e alunos enfrentam cotidianamente o desafio de entrar em sala. Os primeiros devem, em meio a diversas preocupações formais (conteúdos, disciplina, organização e preparo da aula, aspectos didáticos, dentre outras questões), atuar de forma a desenvolver competências e habilidades junto aos seus alunos, que, por sua vez, demonstram, em diversas situações, desinteresse pela forma como a aula se desenrola, acreditando que tudo que acontece fora da sala de aula é mais interessante do que estar ali naquele momento. Diante desse cenário, acredito que nós, professores, podemos e devemos fazer algo diferente, trazendo resultados mais interessantes quando pensamos na ação pedagógica e permitindo a ambos, professores e alunos, o desenvolvimento de uma aula bem mais interessante e estimulante.

Diante do que foi exposto anteriormente, apresentarei a proposta inicial deste trabalho: construir dentro do espaço escolar um Laboratório de História do Rio de Janeiro (LabHisRio), para o desenvolvimento de atividades relacionadas às ciências humanas, com concentração na área de História. O LabHisRio configura-se como o

¹ Existem diferentes realidades escolares que podem se opor à ideia apresentada, como escolas em áreas rurais ou de difícil acesso, por exemplo. Porém optei por falar de uma realidade vivida nas escolas das grandes metrópoles brasileiras, e tal escolha se justifica pela minha experiência docente.

espaço privilegiado para a execução de diversas atividades que permitem aos alunos uma maior compreensão do fazer histórico, tendo como ponto de partida a história da cidade do Rio de Janeiro. Os alunos foram convidados a participar de projetos dentro do LabHisRio e nele entraram em contato com algumas formas de fazer História, assumindo uma atitude historiadora². Ao utilizar fontes (muitas vezes primárias), foram capazes de compreender como a história pode ser construída, por meio de seus embates, problematizações e encaminhamentos. Depois da conclusão do projeto, foram convidados e estimulados a elaborar um artigo sobre essa experiência, encerrando um ciclo de atividades dentro do laboratório.

O LabhisRio é um espaço multidisciplinar e, assim, possibilita contribuições de várias disciplinas como a Geografia, Sociologia, Filosofia, Literatura, dentre outras, e cada uma delas contribui dentro de sua especificidade, reforçando a ideia de que o conhecimento não é algo necessariamente compartimentado, evidenciando o diálogo entre as disciplinas. Assim, podemos articular muitas formas de trabalhar com a História e isso se mostra possível por meio de debates sobre filmes e séries, análise de fotografias, organização de exposições e trabalhos de campo, sempre que possível em conjunto com outras disciplinas.

Em meio a tantas possibilidades que um espaço como esse oferece, optamos, em um primeiro momento, pela execução de um projeto que tem na História Oral o seu método de pesquisa. Ao contar a história da inauguração da estação de metrô de Botafogo, por meio dos relatos de pessoas entrevistadas pelos alunos, podemos demonstrar a importância da memória no processo de construção da história local. Neste projeto, que será apresentado no decorrer do trabalho, buscamos resgatar aspectos cotidianos do bairro onde se localiza a escola e demonstrar como essa microrrealidade está inserida em dinâmicas e contextos maiores. O aluno torna-se capaz de perceber que acontecimentos aparentemente de menor importância têm impactos em estruturas narrativas e históricas mais amplas.

A adesão dos alunos ao LabHisRio é voluntária e desvinculada de quaisquer aspectos relacionados a notas e avaliações formais da escola, pois a minha preocupação é despertar nesses alunos o interesse por atividades não quantificadas e avaliadas por

² Eu entendo que os alunos não são historiadores, mas acredito que se forem orientados poderão assumir o que chamamos de “atitude historiadora” e desta forma atuar tal qual um historiador, lidando com fontes, documentos e produzindo material de pesquisa.

meio de notas ou bonificações³. Contudo, o professor responsável pelo laboratório enfrenta diversos desafios, como o de manter seus alunos estimulados até o término das atividades propostas, incluindo a escrita do artigo final, relatando a experiência vivida no laboratório, bem como os resultados dessa prática. Trabalho este que será feito com autoria compartilhada entre alunos e professores.

³ Nessa fase de implantação do projeto não será possível vincular a participação dos alunos a notas ou conceitos. Porém consideramos importante ações como as do LabhisRio na formação intelectual e cidadã desses alunos e espero, a médio prazo, que a instituição incentive a participação no LabhisRio, tornando-se mais uma atividade curricular. Esse desejo vai de encontro a ideia de valorização da História enquanto disciplina, lembrando que vivemos um momento de indefinições com relação à estrutura curricular das escolas.

1 – História Oral, Memória e História Local: uma perspectiva para o ensino de História.

1.1 – As contribuições da História Oral e o lugar da Memória

História Oral, Memória e História do Lugar são modalidades da historiografia cujas fronteiras são móveis, fluidas e trabalhá-las individualmente pode reduzir suas potencialidades enquanto campo de trabalho. Apesar de ser possível compreendê-las separadamente, é justamente no encontro que elas ganham força. Assim, o laboratório construído junto com os alunos da educação básica, transforma-se no espaço onde promoveremos duas ações: entender cada modalidade de pesquisa na sua particularidade e como elas são capazes de dialogar enquanto trabalhamos no LabHisRio.

A historiografia voltou suas atenções para a História Oral como método científico para a pesquisa histórica no decorrer das décadas de 1980 e 1990, quando foram produzidos diversos trabalhos baseados nessa metodologia. Nesse período houve uma polarização no debate sobre a validade da História Oral e de suas fontes. De um lado estavam os historiadores, com uma postura quase militante, defendendo o uso das fontes orais como válidas para a pesquisa histórica e outros refutando a metodologia, principalmente pelo protagonismo das memórias nesse processo. Diante dessas questões Danièle Voldman propõe iniciar o debate distinguindo História Oral, arquivos orais, fontes orais e depoimentos orais, embora afirme de antemão que tais distinções não encerram as questões acerca dessa metodologia (VOLDMAN 2006).

Voldman entende que História Oral é um método de trabalho em História que privilegia o uso de fontes orais, traçando uma oposição à história positivista, que além de desconfiar dos estudos do tempo presente, entende que o trabalho do historiador deve se valer somente das fontes escritas, logo o testemunho ocular não teria valor enquanto documento. A invenção dos gravadores, como forma de registrar esses depoimentos, permitiu que mais pessoas tivessem acesso às fontes orais e ampliou as possibilidades de uso desse material, dentro dos rigores do método científico. As gravações realizadas com o objetivo de compor acervos para pesquisa configuram-se como arquivos orais enquanto fontes orais seriam os depoimentos produzidos pelos historiadores em função

das suas hipóteses de pesquisa, os chamados arquivos provocados, sobre os quais falarei adiante (VOLDMAN, 2006). O valor desses documentos está justamente em permitir que o pesquisador escute os depoimentos e consiga ir além do que a transcrição oferece.

Os historiadores que discutem a validade do uso de fontes orais para a pesquisa baseiam-se em aspectos importantes como a sua criação, muitas vezes atendendo a vontade de quem realiza a coleta do relato e a dificuldade de acesso à essas fontes, o que resulta no questionamento acerca do caráter científico da pesquisa. Resolver esse segundo ponto parece ser mais fácil, bastando para isso estabelecer os critérios de armazenamento dos depoimentos e disponibilizá-los sem maiores entraves. A dificuldade maior reside em resolver o primeiro ponto.

O reconhecimento da validade de um documento oral para a análise histórica não é intrínseca a si, estando, portanto, vinculada à outras fontes que podem reforçar ou não o que é apresentado. Assim, a entrevista no contexto da História Oral deve ser utilizada quando pautada por outras fontes, escritas ou não, acerca do objeto de estudo, pois é por meio desse cruzamento das fontes que se valida o caráter científico da pesquisa.

Danièle Voldman demonstra ainda uma preocupação com a pessoa a ser entrevistada. Se o historiador prepara-se para a entrevista, deve incluir nesse preparo as preocupações em lidar com o outro, com as memórias sensíveis. Para que possa fazer uma boa entrevista...

“(...) certamente o historiador deve ter em mente dois outros procedimentos, tomados de empréstimo a disciplinas vizinhas: por um lado, servir-se das contribuições da sociologia na condução e na formulação das pesquisas; por outro, não negligenciar elementos da psicologia, psicossociologia e psicanálise” (VOLDMAN 2006).

Inserida nesse debate, Verena Alberti (ALBERTI 1996) afirma que as fontes orais são legítimas e devem ser usadas, mas faz a ressalva de que não devem se tornar o único recurso para a pesquisa. Desta forma seu uso deve ocorrer quando não houver mais nenhuma outra fonte que seja capaz de responder as perguntas feitas pelos historiadores. Citando trabalhos anteriores, Alberti reafirma que a maior contribuição da História Oral não é ineditismo de fontes nem tampouco o preenchimento de lacunas e sim a recuperação do passado pela perspectiva de quem o viveu (ALBERTI, 1990).

A História Oral, por meio da realização das entrevistas e coleta dos relatos, produz suas próprias fontes de estudo que constituem, nas palavras de Jean-Jacques Becker, arquivos provocados (AMADO, FERREIRA 2006). Esses documentos possuem dois autores, sendo eles o entrevistado e o entrevistador. Mesmo não sendo o protagonista no processo, é o entrevistador quem encaminha a construção dessa entrevista/narrativa que por sua vez se configura como uma construção do passado com os pés no presente, tendo a memória como principal recurso.

O uso da memória como fonte histórica também suscitou muitos debates ao longo dos anos 1990 e revisitar esse momento é importante, pois assim caminharemos em direção ao debate sobre a memória e seus usos na reconstrução do passado. Um dos desafios dos historiadores é tentar compreender como funcionam os mecanismos da memória e pensando sobre isso Verena Alberti cita Lutz Niethammer. De acordo com Niethammer existem dois níveis de memória, a latente e a ativa. A memória ativa é aquela que fazemos uso mais frequentemente, recorremos à ela com maior facilidade. Já a memória latente é resgatada por meio de uma rede maior de associações e reconstruções. Ao realizarmos uma entrevista de história oral recorremos a essa memória latente e a reconstrução proposta pelo entrevistador mobiliza, no entrevistado, todo esse processo de reconstrução e reelaboração do passado. (ALBERTI, 1996, p. 4)

O passado reconstruído numa entrevista desperta o que Verena Alberti (2004) chama de fascínio do vivido e ainda de acordo com ela esse é um dos motivos que leva cada vez mais pesquisadores a adotar a metodologia da História Oral em suas pesquisas. Mesmo reconhecendo que é impossível resgatar todo o passado, tudo o que foi vivido por uma pessoa ou grupo, a entrevista desperta sensações, atiça curiosidades e permite que, entrevistador e entrevistado, voltem no tempo e vivenciem o que está sendo contado ali. Esse convite ao passado acaba nos fascinando, mas devemos ter cuidado. Enquanto historiadores estamos sempre caminhando por um caminho bastante estreito, tendo de um lado a preocupação com a metodologia, distanciamento, análise e crítica das fontes e do outro a vontade de mergulhar no passado sem muitos questionamentos. Acredito que precisamos conter essa vontade e, por mais que sigamos ouvindo a narrativa do entrevistado, é dever nosso continuar fazendo as perguntas necessárias, conduzindo a entrevista dentro das técnicas específicas da História Oral.

Durante uma entrevista de História Oral o passado nos é apresentado pela memória, em um processo de síntese do vivido e o entrevistador, recorrendo ao roteiro previamente preparado, orienta os rumos dessa reconstrução. Esse processo de recuperação da memória latente, sintetizada pelo entrevistado, é marcado por idas e vindas no tempo, quando analisados a partir de um referencial cronológico. A ordem da recuperação dessas memórias raramente segue, de forma natural, a sequência dos acontecimentos, ainda mais quando se trata de memórias subterrâneas. As ações dos homens no tempo configuram a matéria prima da História e os referenciais cronológicos são importantes. Por isso o entrevistador deve se preparar bem antes de realizar uma entrevista, pois identificar aspectos relevantes à pesquisa é essencial, pois pode-se assim focar no desenvolvimento dos temas pertinentes ao trabalho ali realizado.

Outro aspecto destacado por Alberti é a vocação totalizante da História Oral, pois se ficarmos presos somente à análise da história do indivíduo, podemos acabar nos contrapondo aos documentos escritos que, tradicionalmente, não se preocupam com trajetórias e narrativas de vida. Ao significarmos o passado somente pelo olhar de quem o narra, no caso o entrevistado, percebemos como a História Oral pode se propor totalizante, mesmo sabendo que é impossível dar conta de tudo o que foi vivido. Diante desse cenário voltamos ao debate sobre os usos da memória como fonte e da importância da biografia para o estudo da História. (ALBERTI, 2004, p. 22)

A entrevista de História Oral constitui um recorte biográfico da vida do entrevistado e podemos nos perguntar qual a relevância de analisar uma experiência individual. Responder essa pergunta não é um processo simples, pois ao mesmo tempo em que as ações de um único indivíduo concentram as características do grupo ao qual pertence as suas particularidades, podem nos remeter ao contrário do que acontecia naquele recorte social. E nesse ponto voltamos ao que Alberti pontuou sobre o uso dessas fontes: elas não podem ser analisadas isoladamente, sob o risco de uma interpretação equivocada.

Maria de Lourdes Monaco Janotti, ao pensar sobre a validade do uso de uma entrevista de História Oral para a pesquisa, aponta alguns problemas e afirma não estar sozinha nessa crítica. Segundo ela:

“Testemunhos espontâneos provocados possuem implicações teóricas profundas que a consciência delas, muitas vezes, pode até levar a impasses e paralisação da própria pesquisa. Envolvem repensar as relações entre realidade e representação, memória e

história, veracidade e imaginação, versão e factualidade, unidade conceitual do testemunho e pluralidade das fontes, acima de tudo, o caráter intrinsecamente político do testemunho e seu problema.” (JANOTTI, 2010, p. 9)

Diante dessa questão Janotti e Verena Alberti concordam que os documentos orais não podem constituir a única fonte para a pesquisa histórica: é necessária a análise de múltiplos documentos em busca de uma possível veracidade, sem desconsiderar os debates acerca da análise crítica dessas fontes e a ideia de que...

“a busca pela verdade não deve nortear as pesquisas, pois ela não existe em termos absolutos; os acontecimentos são fatos constituídos independentemente uns dos outros, o que resulta na exclusão da ideia de processo e estrutura; o real é inerente a sua representação.” (JANOTTI, 2010, p. 10)

Tendo essas ideias a frente do debate, adotar a metodologia da História Oral para um trabalho de História requer uma atenção cada vez maior. Diante de diversos testemunhos, a construção da narrativa historiográfica será possível se houver uma preocupação em acrescentar outras fontes ao estudo, definindo a natureza dessas fontes. Para, além disso, voltando às fontes orais, destacamos mais uma vez que existem tensões internas e externas no momento da realização da entrevista. Enquanto Verena Alberti (2004) destacou os papéis do entrevistado e do entrevistador na elaboração do relato oral, Maria de Lourdes Janotti (2010) acrescenta um terceiro personagem: o público.

Analisando o processo da entrevista, Janotti entende que os três personagens (entrevistador, entrevistado e público) assumem, em momentos distintos, o protagonismo do processo. Segundo ela, o depoente faz seu relato no formato que deseja, escolhendo inclusive a linguagem e acredita que seu testemunho encerra a verdade, mesmo que de forma proposital, oculte o que realmente aconteceu. O entrevistador apresenta-se para coletar esse testemunho minimamente preparado, com um roteiro feito previamente, no qual escora a entrevista. Além disso, é provável que tenha feito um estudo sobre o assunto a ser tratado, e assim, pode tirar suas conclusões ainda ao longo da entrevista. É possível ainda, no decorrer desse encontro, adequar as perguntas ao enredo que se descortina frente de seus olhos. O elemento novo apresentado por Janotti é o público.

Quando um trabalho como esse é idealizado, temos como um dos objetivos apresentá-lo para um público e dependendo de vários fatores, tratar-se-á de um público maior ou menor. A única certeza é que nenhuma das partes deseja o anonimato e esse

aspecto pode ajudar ou atrapalhar toda a entrevista, comprometendo o trabalho em si. Janotti apresenta duas situações de entrevistas que tinham um forte apelo popular e interesse político: o julgamento pelo Estado de Israel do oficial nazista Adolf Eichmann, em 1961, por crimes contra o povo judeu no decorrer da 2ª Guerra Mundial e do general francês Paul Aussaresses, julgado pelo Estado francês no ano de 2001, acusado de fazer apologia de crimes de guerra em um livro no qual relatou as torturas infligidas pelos soldados franceses ao povo argelino durante as guerras pela independência da Argélia.

Nos casos apresentados acima, o interesse do público é capaz de orientar as ações tanto dos depoentes quanto dos interrogadores e os personagens envolvidos nesse processo ganham notoriedade. O público interessou-se por essas histórias e elas ganharam vários desdobramentos como novas entrevistas, documentários e livros, que rapidamente ocuparam a mídia, alcançando um público cada vez maior. O historiador que se debruça sobre casos assim enfrentará mais um “problema” em sua pesquisa: as diversas versões desses acontecimentos e a opinião pública sobre eles. Mesmo entendendo que os exemplos citados anteriormente não configurem o cotidiano das entrevistas em História Oral, é interessante notar os impactos de um possível desdobramento do trabalho nessa direção⁴.

Se Janotti contribuiu ao apontar o público como um dos protagonistas no processo das entrevistas, Richard Cândida Smith (2010) destaca o papel do entrevistado a partir de uma perspectiva interessante: a dele mesmo. Em 1999, Smith foi entrevistado para um projeto de História Oral sobre o ativismo estudantil na Universidade da Califórnia nos anos 1960, e aí percebeu que estar na condição de objeto da pesquisa não era algo simples. Acostumado a agir como entrevistador, com o roteiro da entrevista preparado e domínio do assunto, ao se perceber narrador da história, ficou desconfortável ao ponto de não conseguir responder as perguntas que lhe eram feitas.

Segundo Smith, a entrevistadora estava com todas as informações necessárias a mão e ele esforçava-se para lembrar os assuntos perguntados. No início da entrevista ficou impactado diante da familiaridade com que a entrevistadora abordava o tema e percebeu que ele mesmo não havia construído uma narrativa sobre esse episódio de sua vida e assim acabou limitando-se à respostas curtas e tímidas. Smith relata que, ao

⁴ Como exemplo dos possíveis trabalhos feitos a partir dessas entrevistas, cito o interesse da Rede Globo na pesquisa realizada pelo LABHOI sobre o incêndio do Gran-Circus Norte-Americano em Niterói que se desdobrou em reportagens apresentadas pela emissora e por um episódio do programa “Linha Direta”.

longo da entrevista, a conversa ficou mais fluida e as suas memórias retornaram com tamanha nitidez que ele mesmo não conseguia colocar em palavras tudo que lhe vinha à cabeça.

A situação apontada acima ilustra bem o que Niethammer descreveu como sendo os níveis da memória: a ativa e a latente. A vida de Smith após concluir os estudos na faculdade não seguiu pela militância estudantil, logo essa parte de sua vida compunha a memória latente e só foi acessada com o avançar da entrevista, diante do que a entrevistadora lhe apresentava. Diante da quantidade de lembranças que lhe vinham a memória, ficou complicado organizar o raciocínio: “Eu tinha tanto a dizer, que entendi que o truísmo, muitas vezes repetido, que um historiador oral oferece a oportunidade para o seu narrador de contar a própria história, era impreciso”. (SMITH, 2010, p. 26)

Diante dessa situação, Smith não sabia sequer o que deveria responder e ficou pensando no que seria relevante ser lembrado, fazendo recortes mentais na própria história. Mesmo de forma inconsciente, o entrevistado afirma o seu protagonismo nesse processo ao narrar a própria história focando no que deseja falar e não no que o entrevistador quer ouvir. A experiência de ser entrevistado mudou a sua perspectiva enquanto um historiador oral.

Smith percebeu que a História Oral afirma seu valor quando o relato narrado afasta-se da experiência individual e insere-se numa conjuntura maior, do micro para o macro. É claro que o fato dele mesmo ser um historiador contribuiu para que chegasse a essa conclusão. O diálogo estabelecido com o passado a partir desse ponto de vista possibilita novas interpretações históricas, ao mesmo tempo em que seu relato deixa de pertencer unicamente ao indivíduo.

A entrevista de História Oral é capaz de produzir uma fonte histórica única, pois é obtida por meio de uma conversa, na qual o que é dito, da forma como acontece, dificilmente é encontrado em outras fontes primárias. Se há dúvida no que foi dito, pode-se pedir para o entrevistado explicar e esse diálogo com a fonte só é possível na História Oral. Smith parece deslumbrado com as possibilidades que essas fontes oferecem, mas não podemos ignorar as considerações de Alberti e Janotti sobre a necessidade de utilizar outras fontes em conjunto com as orais antes de tomar como verdades esses relatos.

A cerca desses testemunhos orais com os quais Smith demonstra encantamento, Janotti afirma que eles perderam espaço para as narrativas historiográficas e assim o discurso do historiador venceu o do depoente. Além disso,

“a passagem do tempo não pode ser sempre responsabilizada pelas alterações que as lembranças introduzem na narrativa do vivido. Um tempo acelerado, pleno de acontecimentos diários repletos de significados, é sempre para alguns o tempo presente, aquele que é história e não memória, onde a luta política ainda persiste, este é um dos pilares fundamentais onde se assenta a identidade dos testemunhos. (JANOTTI, 2010, p. 19)

Antoinette Errante (2000) contribui com o debate sobre História Oral e Memória acrescentando a questão biográfica ao discurso e perguntando-se sobre o interesse da História na narrativa individual, conectando-a às experiências coletivas em contexto mais amplos. Segundo a autora, as narrativas individuais revelam uma dupla característica do entrevistado: a sua aproximação e ao mesmo tempo distanciamento de outros grupos, ideias ou símbolos e a atenção demasiada ao sujeito que narra, reconhecendo o seu direito nesse processo, podendo resultar no que Errante chama de “complacência metodológica”. Desta forma, destaca os cuidados em lidar com essas fontes, afirmando que os historiadores devem traçar estratégias para seu uso na pesquisa histórica.

Dentre as estratégias de trabalho com fontes orais, Errante entende que existe um conjunto de situações particulares no processo de coleta das narrativas. Durante a entrevista constrói-se uma relação entre o entrevistador e o entrevistado, que por sua vez, dá voz à própria identidade ao recordar os momentos evocados durante a entrevista. A narrativa ali construída é o resultado desse conjunto de ações que envolvem, para além da relação entre a história e a biografia, as ações do historiador e do narrador (ou entrevistador e entrevistado).

O processo de escolha dos narradores também é alvo das preocupações de Errante, pois ao definir quem será entrevistado, já se define o recorte da pesquisa, quais memórias serão trazidas de volta e porque esse ponto específico interessa ao trabalho que está sendo produzido a partir desses relatos. É como se o historiador escolhesse de maneira consciente e direta as fontes que usará em seu trabalho, abrindo pouco espaço para as eventuais surpresas no caminho. Porém, lembro que a entrevista de História Oral raramente segue uma linha reta, mantendo-se fiel ao roteiro. As imprevisibilidades que

temperam o fazer histórico surgem exatamente por se tratar de relações humanas, suscetíveis a guinadas narrativas que podem ser comparadas, ao se pensar no trabalho histórico com fontes escritas, a descoberta de uma fonte nova, capaz de contribuir ou alterar os rumos da pesquisa.

Ainda sobre as preocupações de Errante com o processo e uso historiográfico das entrevistas, chama atenção para a transcrição das mesmas. Caso o pesquisador que esteja fazendo uso das fontes orais privilegie a transcrição, perderá parte substancial da fonte, pois as pausas na fala, o gestual durante a entrevista, ou seja, a parte “não falada da entrevista”, também compõe essa fonte e por mais que tenhamos uma excelente transcrição, algo se perderá no processo (ERRANTE, 2000, p. 159).

Em paralelo aos debates acerca das fontes orais e as formas de elaboração das entrevistas, incluindo as questões sobre a relação entre o entrevistado, entrevistador e o público ao qual o trabalho de História Oral se destina, o que não podemos perder de vista é que a matéria prima com a qual trabalhamos em todo esse processo é uma só: a memória. E não se trata de uma tarefa fácil.

Recorrer a memória como fonte para a História é uma forma de combater o esquecimento, seja ele desejado ou não. Eugenia Meyer debruçou-se sobre essa questão: “Lembrar, evocar, recapitular, fazer presente, trazer à vista as lembranças, o passado longínquo ou próximo, se traduz em armas primordiais contra o esquecimento (...)” (MEYER, 2009, p. 33). Na mesma linha de análise está Paul Ricouer, que também entende a memória como uma luta constante contra o esquecimento, dentro da problemática de fidelidade ao passado (RICOUER, 2007). O processo de recuperação dessas memórias possibilita-nos realizar um leque de ações como a análise, a reinterpretção, a compreensão e até o perdão, sendo esse uma espécie de reconciliação com o passado. Nas palavras de Ricouer:

“(...) a problemática do esquecimento é a mais vasta, na medida em que o apaziguamento da memória, em que consiste o perdão, parece constituir a última etapa de um percurso do esquecimento (...)” (RICOUER 2007).

O problema é que não é possível confiar somente na memória e esse é um dos dilemas dos quais se ocupam os historiadores.

A relação entre a História Oral e a Memória ganhou força nos anos de 1990, quando uma parcela dos historiadores defendeu que a memória e as práticas da História

Oral permitem reconstituir o passado. Esse debate é retomado por Beatriz Sarlo, citada por Janotti. Segundo Sarlo

“(…) uma reconstrução feita somente a partir da memória é insuficiente e provavelmente muito menos rica do que uma reconstrução que trabalhe com todas as fontes possíveis: não só testemunhos, mas também as fontes escritas, que são indispensáveis para a compreensão do movimento das ideias na História. A memória não só está ancorada na primeira pessoa, mas também permanece carregada de todos os traços de subjetividade. (...) Eu não confio mais na memória do que nas informações jornalísticas, nos programas políticos, nos livros (...). (JANOTTI, 2010, p. 11)

Sendo assim reafirma-se que o historiador deve estar atento às fontes e seus usos, buscando sempre complementar a fonte oral, visto que a memória, utilizada de forma solitária, não dará conta das diferentes abordagens de um mesmo fenômeno. Mas antes de caminhar em direção a ideia de que a memória serve para reconstruir o passado, vou me ater ao caráter mais simples da memória, o testemunho.

Paul Ricouer entende que o testemunho é anterior a memória e que após um processo de seleção desses testemunhos é que somos capazes de construir uma memória. São vários os mecanismos envolvidos nesse processo, a começar pelo próprio testemunho, se ele é ou não confiável. Esse questionamento é necessário, pois ao mobilizarmos a memória a respeito de alguma situação, damos início a uma grande cadeia de acontecimentos: a percepção da cena, a retenção do evento e sua posterior descrição e todos eles estão sujeitos a falhas de memória, especialmente o último. Ricouer comenta ainda que o testemunho é ainda evocado quando terceiros acessam a descrição que foi arquivada como documento oral e a partir daí recomeçamos a cadeia de eventos com a interpretação do testemunho (RICOUEUR 2007).

A credibilidade do testemunho não deve encerrar-se em si, por mais que o depoente afirme constante que “é verdade” ou ainda “pode acreditar em mim”⁵. Essas são ações comuns em entrevistas, mas não devem guiar o olhar do historiador. Retornamos ao mesmo ponto mais vez: a crítica às fontes sempre devem ser feitas e recorrer à outros acervos ou conjuntos documentais é mais do que necessário.

Ainda nessa linha de análise, Oliver Sacks, ao se recordar de um episódio bem vívido de sua infância, assustou-se quando soube que ele próprio não estava presente ao

⁵ Paul Ricouer chama esse processo de “autodesignação e por mais que use como exemplo depoimentos em processos jurídicos, acredito que podemos, diante de algumas adaptações necessárias, utilizar essas categorias no processo da entrevista de História Oral. Dentre as adaptações possíveis, a que considero mais relevante é o desejo do depoente em fazer seu relato sem estar constrangido nesse processo.

evento que jurava ter participado. A memória apresenta traços de uma constante falibilidade. Sobre o episódio, Sacks conta que realmente vivenciou a queda de uma bomba em seu quintal quando morava em Londres, durante a Segunda Guerra Mundial, mas acreditava realmente ter presenciado a queda de uma segunda bomba. Em suas palavras:

“Minha falsa experiência com o bombardeio foi bem parecida com a verdadeira, e facilmente poderia ter sido uma experiência pessoal se eu estivesse em casa na ocasião. Eu podia imaginar cada detalhe do jardim que conhecia tão bem. Se não fosse assim, talvez a descrição da carta de meu irmão não me afetasse tanto. Porém, como eu podia facilmente me imaginar ali, e imaginar também os sentimentos que acompanhariam a situação, admiti a experiência como sendo minha.” (SACKS 2017 p. 79)

É interessante perceber como ele apropria-se de uma memória própria e a reposiciona em outro episódio bastante semelhante, mas nem sempre as falhas da memória acontecem dessa forma. As transferências de memórias são comuns, principalmente com as que Sacks classifica como “primeiras memórias”, quando a pessoa que narra o episódio era ainda muito jovem. Nesses casos a transferência da memória acontece por meio da fala de parentes, fotos, vídeos ou visita aos lugares referenciados no relato.

Ainda segundo Sacks, algumas experiências são constituídas pelas memórias recuperadas, que por terem origem em episódios traumáticos, estavam reprimidas por mecanismos inconscientes de defesa. Esse tipo de memória latente pode vir à tona após, por exemplo, sessões de terapia, ou ainda, após uma reconstituição mais detalhada do episódio, como propôs Niethammer, anteriormente citado nesse trabalho. Tais memórias também estão sujeitas a imprecisões, muitas vezes resultantes de processos coercitivos de resgate dessas lembranças (SACKS, 2017).

Concluindo sua análise sobre a constituição das memórias, Oliver Sacks afirma que nossas memórias são passíveis de falhas e imperfeições, o que impacta diretamente na narrativa dos eventos e que somos ainda muito criativos, inventando situações ou acreditando estar presente em episódios vivenciados por outras pessoas, mas que foram incorporados por nossas lembranças, pois “A memória surge não só da experiência, mas da interação de muitas mentes” (SACKS, 2017, p. 90). Diante disso o questionamento possível é se vivemos tudo o que lembramos ou se lembramos tudo o que vivemos.

Andreas Huyssen (2000) trabalha com a categoria de “passados presentes” ao se aprofundar na ideia de memória, afirmando que cada vez mais o passado retorna como protagonista do presente e entende que tal fenômeno está relacionado à necessidade combater o esquecimento. Mas o que não podemos esquecer? Como são feitos esses recortes e quais são as estratégias para mantermos as memórias presentes? Huyssen aponta que, independente das respostas para essas perguntas, uma realidade não pode ser ignorada: o avanço da tecnologia na produção dessas memórias e a diferença entre o que ele chama de memória dramática e mídia comercial.

Huyssen denuncia a “mercadorização do passado” e a falta de cuidado com as memórias sensíveis. Eventos traumáticos são midiáticos e transformados em entretenimento pela indústria cultural. Como exemplo cita a construção da memória do holocausto, apontando as possibilidades de vender o passado:

“Questões cruciais da cultura contemporânea estão precisamente localizadas no limiar entre a memória dramática e mídia comercial. (...) O trauma é comercializado tanto quando o divertimento e nem mesmo para diferentes consumidores de memórias” (HUYSSSEN 2000 p. 22).

O LabHisRio pode inclusive contribuir com o amadurecimento do senso crítico dos alunos acerca de revisionismos históricos, motivados por diversas razões, incluindo interesses ideológicos e políticos, para além dos mercantis apontados por Huyssen.

Após essa crítica acerca das formas de consumo do passado, ele faz uma provocação a respeito desse processo. Diante do crescente aumento dessa demanda, o passado transformado em produto pode, assim como qualquer mercadoria, esvaziar-se de interesses e nesse cenário de “escassez de passados” seus consumidores, cada vez mais ávidos, saciarão seus desejos consumindo “passados inventados.

“Do jeito que as coisas estão acontecendo, parece plausível perguntar: dado que o crescimento explosivo da memória é história, como não resta dúvida de que será, terá alguém realmente se lembrado de alguma coisa? Se todo o passado pode acabar, não estamos apenas criando nossas próprias ilusões de passado (...)? (HUYSSSEN, 2000, p. 24)

Sua provocação dialoga com a ideia, até aqui debatida e apresentada, acerca de como as memórias são construídas e o papel dos relatos biográficos nesse processo. Huyssen desloca a questão do confronto entre diversas fontes para elaborar a memória, focando a recepção dessas memórias por outras pessoas que são levadas a compreender o passado da forma como lhes foi apresentado, sem a possibilidade ou interesse de confrontar o que foi ali exposto. Dessa forma, afirma o autor, teremos um passado que

pode, em algum nível, em nada corresponder com a realidade que serviu de base nessa elaboração. Concluindo, afirma ainda que a mercadorização das memórias equivale ao seu esquecimento.

Retornando aos anos 1990, momento de efervescência dos debates sobre a validade ou não da História Oral como metodologia e dos usos da memória como forma de reconstruir o passado, apresento algumas ideias de Ulpiano Bezerra de Meneses como forma de concluir esse balanço historiográfico. Meneses analisa a memória também a partir da perspectiva do esquecimento. Considerando que se trata de algo produzido e acabado no passado, seu retorno ao presente é possível por ser um mecanismo de retenção, uma espécie de depósito de experiências. O desafio é transportar a memória do passado para o presente em sua integridade. E essa ação parece ser impossível.

Analisando sociedades estruturadas a partir da tradição oral, Meneses percebeu que esses grupos são capazes de desenvolver técnicas para manter vivas as suas memórias e que as formas de comunicação são imprescindíveis nesse processo, pois constituem praticamente a única forma de manter as memórias vivas. Apesar desses mecanismos, por se tratar de uma construção coletiva, seu resgate, na forma íntegra, é uma ilusão.

A memória é uma construção do presente, sendo restaurada para atender as determinações desse mesmo presente. Esse recorte orienta as nossas ações no processo de organização das narrativas do passado e muitas vezes aquele que narra a memória fica preso às nossas demandas. Sendo assim, “(o) presente pode inverter radicalmente o valor original do passado” (MENESES, 1992, p. 12) e ainda propor uma leitura “correta” no futuro. Percebemos então as três dimensões temporais da memória: passado, presente e futuro.

Meneses apresenta outras categorias de memórias como a coletiva e a nacional. A primeira é construída em conjunto, dentro do grupo que a experimentou e ao ser acionada garante a coesão e solidariedade do grupo. A memória nacional relaciona-se diretamente com a elaboração de uma identidade nacional, sendo muitas vezes organizadas a partir dos anseios dos grupos dominantes, apresentando-se como unificada e integradora. Outra preocupação de Meneses está relacionada à amnésia dos excluídos, entendendo que desse grupo fazem parte os escravos, mulheres, crianças,

operários, minorias raciais e sociais, loucos e oprimidos de todo o tipo. Trata-se de uma preocupação datada, pois são inúmeros os trabalhos em História Oral que colocam os membros desse grupo, chamado por Meneses de “excluídos”, como os protagonistas de todo o processo⁶.

Dessa forma entendo que a memória constitui-se na matéria prima do trabalho com a História Oral, visto que os depoimentos são construídos a partir do que é possível lembrar, mesmo com todos os problemas que envolvem esse processo. Meyer e Ricouer apontaram que a memória é adversária do esquecimento e que o testemunho possibilita a reconstrução desse passado. Huysen e Meneses preocupam-se em evidenciar que a rememoração do passado é uma ação que acontece no presente e por isso está sujeita à vontade imposta por essa realidade, o que não impede que ocorram falhas, como demonstra Sacks. Visando evitar ou reduzir a falibilidade da memória é necessário recorrer a diversas outras fontes na elaboração da narrativa desse passado, como demonstra Beatriz Sarlo. De forma resumida, trabalhar com memórias demanda a mobilização de diversas categorias de análise e que mesmo assim não conseguiremos alcançar o que realmente aconteceu. Mas isso não é um problema insolúvel.

1.2 – Dialogando com a História Local

Até aqui nesse trabalho foram abordados dois aspectos teóricos que balizam o desenvolvimento das ações do LabHisRio: a História Oral e a Memória. Resta ainda uma terceira categoria de análise, a ideia de História Local, pois os testemunhos coletados pelos alunos cobrem as dimensões da memória (narrativas), do tempo (relação passado e presente) e do espaço (local reconstruído pela narrativa e espaço de intervenções).

Joaquim Justino Moura dos Santos (2002), ao estudar a formação do subúrbio carioca, articulou as concepções de memória e espaço, concebendo o que passou a chamar de História do Lugar. Esta ideia encontrou nos professores da educação básica

⁶ A preocupação de Meneses a respeito do que foi apresentado é justíssima e vanguardista, considerando a época que escreveu o seu trabalho. Passados quase 30 anos, ainda é uma questão de suma importância, mas o cenário atual das pesquisas relacionadas à esses grupos é bem diferente e promissor.

uma enorme recepção, o que resultou em diversos trabalhos realizados com alunos das séries do ensino médio, deixando de ser um assunto quase que exclusivo da academia. Logo se percebeu que era possível resgatar o interesse dos alunos pelos temas da história por meio das suas ações cotidianas, articulando as dimensões da micro e macro história.

Santos entende ainda que, além de inserir os alunos e localidades como parte integrante da História do Brasil, abre-se também novas perspectivas “(...) como importante instrumento de recuperação e preservação das memórias e das identidades locais (...)”. (SANTOS, 2002). A sensação de pertencimento a um lugar pode se desdobrar em um conjunto maior de ações, desenvolvendo não somente habilidades daqueles que as promovem, como possibilita transformações no espaço que resultam em melhores condições para os que ali vivem. As escolas, principalmente as públicas, configuram o local privilegiado para o desenvolvimento de ações que envolvam a ideia de História do Lugar.

Atualmente os alunos, por conta do acesso à diversas mídias sociais, aliado ao pouco interesse com relação ao que acontece ao seu lado, acabam se aproximando de realidades muito distantes da sua própria. Trabalhar a História Local é uma forma de reposicioná-los e capacitá-los à uma compreensão mais ampla do mundo a partir da sua realidade. O contato com gerações anteriores dentro de sua própria família permite a reconstrução de uma memória local. Buscar entender o que mudou no bairro com relação ao comércio, circulação de pessoas, aumento ou não da violência, atividades de lazer ou outros aspectos do cotidiano reforça essa identidade e sentimento de pertencimento. Captar essas percepções a partir de entrevistas de História Oral viabiliza a elaboração dessa História Local. Esse trabalho pode ser feito com o auxílio de outras fontes, como mapas, gráficos, fotografias, dados econômicos, jornais, revistas e artigos acadêmicos.

“A reconstrução histórica de um lugar ou localidade implica partir do princípio de que a história está presente em todos os lugares, em todos os momentos. De que o lugar, seja quando, qual e onde for, integra-se historicamente a espaços e contextos mais amplos, a partir dos papéis e condições econômicas, políticas, sociais e culturais vividas no dia a dia por seus habitantes e por ele próprio, no município, no país e no mundo”. (SANTOS, 2002, p. 110-111)

A realização dessas atividades resulta na maior relação entre os alunos e o bairro onde moram e assim é possível olhar o passado e perceber as permanências e

transformações no espaço, dando maior valor as ações do passado e do presente, percebendo as relações com a construção do futuro e que o conhecimento pode ser construído de forma muito mais ampla e com a participação dos alunos como protagonistas desse processo.

A respeito do ensino de história José Aldaécio Lima, analisando a realidade das salas de aula, entende que ainda estamos distantes do que preconizam os currículos e diretrizes oficiais acerca do ensino de História Local, apesar da incorporação de novas temáticas e metodologias no cotidiano de professores e alunos. A construção do conhecimento histórico nas escolas pode ser feita a partir das realidades nas quais os alunos estão inseridos e nesse sentido é preciso reconhecer a contribuição da história local: “Nessa perspectiva, o estudo de história local passa a ser concebido como uma estratégia pedagógica de capaz de viabilizar a transposição didática do saber histórico para o saber escolar” (LIMA, 2018, p. 783).

Outro aspecto abordado por Lima é que o trabalho com História Local permite que os alunos problematizem diversas questões, pois estão lidando, muitas vezes, com sujeitos e espaços silenciados diante da História Oficial. O reconhecimento desses silêncios e espaços marginalizados contribui para a formação de sua identidade. Além de ser um componente curricular, a História Local assume um papel de relevo diante da ideia de cidadania. Negligenciar esses aspectos é virar as costas para a sua própria história.

Desta forma, para realizar um bom trabalho com História Local é necessário mobilizar diversos aspectos do conhecimento e a capacitação dos profissionais que atuarão junto aos alunos. De acordo com o autor:

“(...) o trabalho com essa temática exige do professor um bom nível de formação na área para que seja capaz de conduzir as atividades de forma contextualizada. Em primeiro lugar precisa ter consciência de que não se pode estudar o local como um fim em si mesmo, sem que esteja interligado no tempo e no espaço com as dimensões regional, nacional e até mundial. Em segundo lugar é preciso que ele possua uma base teórica e metodológica suficiente.” (LIMA, 2018, p. 785)

Lima finaliza sua análise evidenciando que a História Local deve ser mobilizada em sincronia com outros saberes (como a geografia e a sociologia), além da própria História. Entende ainda que os trabalhos realizados a partir da perspectiva da História Local devem instigar os alunos a questionar a sua realidade, percebendo os problemas que envolvem seu cotidiano e assim se engajar num movimento transformador do

mundo do qual faz parte. De maneira crítica, Lima sobrepõe esse conjunto de ações no espaço escolar ao modelo conteudista presente nas nossas escolas.

Luís Reznik, durante uma comunicação acerca da História Local, fez um balanço historiográfico rápido e bastante interessante sobre os interesses políticos em jogo ao se falar de uma história nacional, totalizante, em oposição à valorização dos aspectos do local. Remontando ao período imperial, quando houve a primeira tentativa de construção da história da nação, Reznik destaca que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em conjunto com o Arquivo Nacional ocuparam-se da elaboração de uma narrativa histórica que defendesse os princípios de uma centralização política e territorial, em oposição à fragmentação dos países da América Hispânica, pois identificavam tal situação como um dos seus maiores problemas (REZNIK, 2002).

Desde então boa parte da narrativa histórica construída em parceria com instituições vinculadas ao governo reforçaram a ideia da unidade do país. Ao longo de todo período republicano não foi muito diferente, inclusive por conta dos períodos em que vivemos sob a ordem governos ditatoriais, que reforçaram esses valores baseados na ideia de um Brasil Grande. A questão da História Local não pautou esses debates, quando muito se falava dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, mas como referências para o que acontecia no país e não na sua própria dimensão.

Diante do que foi apresentado acima, Reznik entende que a História Local foi colocada em segundo plano e quando era objeto de análise, estava ora submetida aos interesses da História do Brasil, ora havia o exagero, superdimensionando questões sem grande relevância, com o único objetivo de valorizar determinada localidade. Tais processos não se relacionam com uma das principais questões que envolvem a História Local e que já foi abordada por Lima e Santos: a formação de uma identidade, visto que:

“(...) o exercício da história local vincula-se a processos de identificação, relacionados a um determinado sistema cultural que enfatiza as relações de vizinhança, contiguidade territorial, proximidade espacial.” (REZNIK, 2002, p. 3)

Ao inserir a História Local em uma linha de estudos, Reznik a aproxima da micro-história, enquanto Santos e Lima fazem referência à História Oral e à Memória. Reznik entende que as narrativas elaboradas utilizando esse recurso privilegiam descrições mais realistas do comportamento humano, focando as histórias particulares de indivíduos, lugares e grupos específicos, percebendo o conjunto de ações sociais que

podem ser por eles executadas, como a negociação, escolhas e decisões individuais. Particularmente não vejo nenhum conflito entre as ideias por eles apresentadas a respeito dos usos da História Local, entendo, inclusive, serem complementares. Uma entrevista de História Oral pode, de forma bastante competente, dar conta de aspectos da micro-história, sendo esta uma reconstrução possível recorrendo à memória dos episódios, que se desenrolam em algum espaço.

Por fim Reznik afirma que se trata de um equívoco opor a História Local à nacional, pois a trama desenvolvida localmente está inserida em contextos mais amplos. O mesmo acontece ao opor o indivíduo ao grupo. Sendo assim

“Enganam-se, portanto, aqueles que julgam que a eleição de um local, sob a perspectiva de uma história local, implica uma simplificação do número de variantes e aspectos da trama social. O local, alçado a categoria central e análise, pode vir a constituir uma nova densidade no quadro das interdependências entre agentes e fatores constitutivos de determinadas experiências históricas então eleitas pela lupa do historiador.” (REZNIK, 2002, p. 3)

A abordagem a partir da História Local configura um privilégio para as investigações acerca de espaços, grupos e indivíduos, permitindo a análise de suas trajetórias e narrativas por um viés único.

A História Local é entendida por José D’Assunção Barros como uma modalidade historiográfica e não uma metodologia de trabalho e que essa modalidade coexiste com diversas outras, em maior ou menor escala. Ao se aprofundar na compreensão da História Local/Regional, Barros preocupa-se em fazer algumas distinções com relação à Micro-História. Em defesa da História Local, o autor lembra que se toda a história é contemporânea, na medida em que olhamos para o passado a partir do presente, toda história seria igualmente local. E esse aspecto é capaz de influenciar diretamente as nossas análises. (BARROS, 2009)

O que caracteriza a História Local ou Regional é o protagonismo do espaço a ser investigado pelo historiador, estando ele ou não compartilhando desse espaço. O local pode ser ao mesmo tempo objeto de estudo e espaço onde este estudo é realizado, sendo que tais situações podem resultar em trabalhos distintos. Barros lembra ainda que o trabalho com a História Local não exclui a possibilidade de compreensão de uma “história total” visto que o recorte feito pelo historiador não remete necessariamente ao correspondente geográfico:

“Não existem, para o historiador, regiões que se impõem a ele como espaços já dados de antemão. Isto porque a “região” ou a “localidade” dos historiadores não é a localidade dos políticos de hoje, ou da geografia física, ou da rede de lugares administrativos em que foi dividido o país, o estado ou o município. Toda “Região” ou “localidade” é necessariamente uma construção do próprio historiador. Se ela vir a coincidir com uma outra construção que já existe ao nível administrativo ou político, isso será apenas uma circunstância.” (BARROS, 2009, p. 6)

Ao comparar os estudos de História Local/Regional com a Micro-História, Barros afirma serem modalidades bem distintas, pois enquanto a primeira preocupa-se com o estudo do espaço físico definido pelo historiador como objeto de análise, inclusas a dinâmicas das relações sociais ali presentes, a segunda tem como proposta

“(…) uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que de outro modo passariam despercebidos. Quando um micro-historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda através da pequena comunidade (…).” (BARROS, 2009, p. 10)

Por fim é importante destacar que hierarquizar essas modalidades de compreensão e estudo da história é uma falácia, pois tais divisões têm por objetivo ampliar as possibilidades do fazer histórico, incluindo novos personagens, espaços e temporalidades.

Concluindo, acredito que a História Oral, Memória e História Local são modalidades de estudo da História que foram criadas para melhor organizar o trabalho historiográfico. Sendo assim, cada campo de trabalho apresenta suas singularidades como o objeto de estudo, as técnicas utilizadas e metodologias específicas. Em alguns casos observamos que o mesmo método pode ser adotado para dar conta de mais de uma modalidade de estudo. Tal situação também se repete com os objetos da pesquisa, visto que em linhas gerais estamos todos estudando as ações de homens e mulheres no tempo.

Ao longo dessa primeira parte contemplamos a análise das categorias utilizadas na organização do LabHisRio e posso concluir que as fronteiras entre História Oral, Memória e História Local praticamente podem até existir mas são bastante fluidas, estando em permanente contato. Se a História Oral precisa do testemunho para se fazer presente, é imprescindível recorrer à memória para sua elaboração, mesmo admitindo que esta não deva ser a única fonte para validarmos o relato. Além disso, quando revisitamos o passado com o objetivo de narrar um evento, partimos de um momento no tempo e de um espaço onde as ações se desenrolaram. Em suma, as modalidades aqui

apresentadas e trabalhadas, estiveram em contato todo o tempo, estando nós cientes ou não disso. E acredito que estávamos.

1.3 – Os usos e abusos da Memória, História Oral e História do Lugar em sala de aula

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresentada em 2018, trouxe mudanças significativas para a educação brasileira, incluindo a própria organização das disciplinas, agora divididas por eixos, além dos temas a serem trabalhados em toda a educação básica. O que proponho é lançar um olhar sobre as mudanças relacionadas ao ensino médio, pois defendo a manutenção do ensino de História para todos os alunos.

O texto introdutório da própria BNCC afirma que a formação de cidadãos críticos, capazes de exercerem plenamente a cidadania é uma das principais metas a serem atingidas pela educação brasileira⁷. Nesse sentido, questiono-me sobre como esse objetivo será atingido, uma vez que há a previsão da implementação dos itinerários formativos, em que o estudante pode optar por uma formação no ensino médio sem ter aulas de disciplinas relacionadas às ciências humanas.

As atividades desenvolvidas inspiradas nas temáticas mobilizadas pela História Oral, Memória e História do Lugar, tem nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História (PCNs) o seu respaldo. Além disso, entende que esse trabalho realizado junto aos alunos deve ter início ainda nas séries iniciais. De acordo com os PCNs:

[...] o ensino e a aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas (PCNs, 1997, p. 49).

Entendendo a disciplina História como pertencente à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (juntamente com Geografia, Sociologia e Filosofia), acredito que tal

⁷ A BNCC estabelece 10 competências gerais da educação básica. A competência de nº 9 diz: “Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.”

conhecimento é essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico, necessário para o exercício da cidadania por parte dos alunos e, portanto, imprescindível. A efetivação do Laboratório de História cumpre a função de manter viva, dentro das instituições educacionais, a área de humanidades⁸.

Realizar a aproximação entre os saberes acadêmicos e escolares não é algo simples, a chamada transposição didática não é simplesmente aplicar os conceitos e ideias debatidos na universidade e levar para a sala de aula. Yves Chevallard entende que a relação didática mobiliza três elementos: o professor, o aluno e o conhecimento, sendo esse o motivo que levou os outros dois elementos a interagirem. Diante disso podemos perceber que tal relação pode ser marcada pela ação de quem detém o conhecimento e a passividade daquele que recebe, mas essa não deve ser a orientação de um processo educacional. (CHAVELLARD, 2013)

Hierarquizar os saberes, entendendo os acadêmicos e escolares em níveis diferentes, pode comprometer o trabalho realizado dentro do laboratório. Para evitar isso propus a horizontalização de todas as relações naquele espaço, em prol do melhor desenvolvimento das atividades e daqueles que aceitaram participar dessa experiência. Além de repensar a hierarquia professor-aluno, buscou-se desmontar a ideia da divisão dos alunos por séries, já que foram convidados a participar do projeto todos os alunos do ensino médio.

Segundo Chevallard, o que distingue a relação entre professores e alunos das demais, considerando que a maior parte delas envolve alguma troca de conhecimentos, é a existência da intenção didática, quando um dos protagonistas tem a intenção de ensinar alguma coisa. É justamente na intenção de ensinar que reside a ideia da transposição didática:

Ensinar um corpo de conhecimento é, portanto, uma tarefa altamente artificial. A transição do conhecimento considerado como uma ferramenta a ser posto em prática, para o conhecimento como algo a ser ensinado e aprendido, é precisamente o que eu tenho chamado de *transposição didática* do conhecimento. (CHEVALLARD, 2013, p. 9)

Chevallard entende que “o conhecimento acadêmico não é nada mais do que o conhecimento *utilizado*, tanto para a *produção* de novos conhecimentos como para

⁸ É verdade que tal iniciativa será implementada inicialmente em uma instituição de ensino privada, mas nada impede que este projeto também seja desenvolvido em instituições públicas, mesmo que precise de algumas adaptações.

organização do conhecimento recém-produzido (...). (CHEVALLARD, 2013, p. 12) Diante disso, a função daquele que detém a intenção didática é perceber como deve proceder no ensino desses saberes, levando em consideração o seu público alvo.

Pensando na transposição didática e no ensino de História, Luciana Souza Santos aprofunda o debate e critica a hierarquização dos saberes acadêmicos e escolares. Para Santos a escola é por si um espaço autônomo de produção de saberes e que o conhecimento produzido ali faz parte de uma cultura escolar própria. (SANTOS, 2013) O conhecimento escolar não é uma mera adaptação do que foi produzido pelos intelectuais na academia e que o professor teria apenas o papel de “simplificar” os assuntos para que eles sejam compreendidos pelos alunos. A ação de transformar o saber ensinado em saber aprendido é o grande desafio dos professores e esta não é uma atividade menor, pois o conjunto de habilidades necessárias para ter algum êxito nesse processo é enorme.

Em busca de pontos de contato entre as ideias apresentadas acima, entendo que o conhecimento pode ser produzido em diversos lugares, por diversos agentes e de acordo com várias metodologias. Aproximar o que acontece na academia com o cotidiano do ensino escolar é um grande desafio e que deve ser enfrentado, reconhecendo as limitações de parte a parte. Ao mesmo tempo em que acredito ser inócua a hierarquização de saberes, entendo também que apresentar para um aluno o universo acadêmico sem nenhum preparo é colocar em risco a manutenção de seu interesse nos temas ali tratados. Fazer a transposição didática não implica necessariamente em tornar “mais fácil” ou “banal” os conhecimentos elaborados fora do espaço escolar. Entendo que se trata de reconhecer momentos distintos de aprendizagem e o laboratório configura um espaço privilegiado para essas ações, já que não traz consigo critérios avaliativos tradicionais, vinculados com a aprovação ou não dos alunos.

Atuando no LabHisRio precepei-me em ser fiel às modalidades ali apresentadas e debatidas, como História Oral, Memória, História Local, Micro-História, História Política e Cultural. Embora não tenha utilizado os textos originais que fazem essas abordagens, apresentei um material próprio e assim eles tiveram contato com uma

forma de aprendizado distante do que normalmente praticavam durante as aulas curriculares⁹.

A Memória é a matéria prima com a qual trabalhamos no laboratório e por isso propus que os alunos realizassem leituras e debates sobre esse tema, que está presente em nosso cotidiano e muitas vezes acabamos não percebendo isso. Os próprios alunos, nas aulas ao longo do ano, utilizam conceitos relacionados à memória e na maior parte das vezes não conseguem ou não são orientados sobre o que estão ou deveriam estar aprendendo e como esses conhecimentos ali desenvolvidos relacionam-se com a memória. Instrumentalizar essa forma de conhecimento é bastante útil em sua formação.

As entrevistas feitas pelos alunos permitem a compreensão de um passado recente a partir de pessoas concretas, conhecidas ou não por eles. Trata-se, portanto de contribuir com a construção narrativa de sua própria história, sentindo-se parte dela e percebendo na prática como essas memórias contribuem na construção da História de todos nós. (VERENA, 2006).

Verena Alberti sugere possibilidades de entrevistas a serem feitas com a metodologia da História Oral, sendo elas: história do cotidiano, história política, história das comunidades, história das instituições, biografias, história de experiências, registros de tradições culturais ou histórias de memórias (ALBERTI, 2004). Os trabalhos no Laboratório podem contemplar todas essas possibilidades, sendo possível ainda a articulação entre duas ou mais formas de entrevista. No caso apresentado nesse trabalho focamos a história do cotidiano e aproximamo-nos da história das comunidades, ao abordar a fundação da estação de metrô de Botafogo.

O uso da História Oral e suas metodologias em sala de aula configuram-se como uma excelente oportunidade para fazermos o que entendo ser uma transposição metodológica. Inspirado na noção de transposição didática acredito que podemos avançar nessa ideia. Ao fazer uso de uma metodologia de pesquisa, mais comumente utilizada na universidade, na educação básica, realizamos também uma espécie de transposição metodológica. Sobre o uso das entrevistas na educação básica, Verena Alberti afirma que:

⁹ Lembro que a proposta original dos trabalhos a serem realizados no LabHisRio envolvia a leitura de textos acadêmicos, mas devido à pandemia do COVID-19 e à redução no número de encontros com os alunos, isso não foi possível. Assim, optei por produzir um pequeno material que foi disponibilizado para todos.

“No ensino de história, por exemplo, alguns recursos oferecidos pela história oral podem ser úteis: uma entrevista pode tornar o aprendizado mais fácil, porque trata de experiências concretas, narradas de forma direta e coloquial, e os alunos também podem fazer entrevistas sobre as histórias da comunidade e das famílias. Além de conhecer essas histórias, os estudantes desenvolvem várias habilidades: o planejamento do trabalho, a prática da pesquisa e a capacidade de falar com pessoas desconhecidas. (ALBERTI, 2004, pp 28)

Desta forma o LabHisRio afirma-se como um espaço multidisciplinar, na medida em que se volta para as humanidades, mas também horizontalizado, onde as relações estabelecidas nas salas de aula podem ser desfeitas em prol de uma troca de saberes mais intensa. Além disso, possibilita aos alunos um contato diferenciado com temáticas, metodologias e saberes não comuns aos currículos escolares. A transposição metodológica, tendo a História Oral como eixo central, é uma das grandes contribuições possíveis desse espaço. Assim, acredito que todos os envolvidos nesse projeto têm muito a oferecer, em termos acadêmicos, e mais ainda a receber, considerando as questões sociais.

2 – Um Laboratório de História na Educação Básica

2.1 – Construindo utopias

A ideia de organizar um espaço de construção de saberes voltado para a área de humanidades surgiu em um momento de questionamentos acerca do ensino de História em todos os níveis da educação básica, em especial no ensino médio. Além dos aspectos relacionados às reformas educacionais, os professores são questionados diariamente acerca do próprio processo de ensino-aprendizagem e sobre os conteúdos ministrados. Ser questionado enquanto professor não configura em si o problema, pois desejamos uma educação dialogada, com os alunos participando do processo de ensino e aprendizagem. Uma sala de aula “viva” é muito mais interessante para o desenvolvimento das habilidades necessárias à compreensão dos temas ali trabalhados. No entanto, não é assim que tem acontecido.

Ao longo das aulas o que percebo como professor são questionamentos, por parte dos alunos, baseados em fontes pouco confiáveis como vídeos na internet (principalmente na plataforma do YouTube), textos curtos difundidos em mídias sociais (Facebook, WhatsApp ou Twitter) ou ainda em livros escritos sem a devida preocupação com o rigor acadêmico. Trato a ideia de rigor acadêmico aqui como uma maior preocupação com a escolha e análise das fontes utilizadas, pois esta é uma das formas de conferir ao material produzido uma maior credibilidade. Porém, a escolha pelo caminho mais curto de obter conhecimento leva a concepções frágeis sobre a própria ciência histórica e, nesse momento, o professor de História é posto em xeque.

Acredito que o problema não está no uso didático das plataformas anteriormente citadas e sim na seleção desse material por parte dos alunos. Sem a orientação do professor, os alunos ficam reféns da aleatoriedade dessas plataformas, que nem sempre se preocupam com o conteúdo que armazenam e muito desse material está dominado pelo discurso anticientífico. Nosso desafio é encontrar formas de qualificar o uso dessas plataformas sem afastar aqueles que as utilizam. O laboratório é um espaço onde esse tema é trabalhado e os alunos capacitam-se para melhor identificar e qualificar o que estão acessando na internet.

Destaco mais uma vez que o problema não é o aluno trazer questões a serem tratadas em sala de aula, nem defendo que o professor deva ser inquestionável, detentor do saber e difusor de uma única versão dos acontecimentos. Longe disso. Organizar um Laboratório de História, nos moldes definidos nesse trabalho, visa, dentre outros objetivos, apresentar e discutir como o conhecimento histórico é construído utilizando de meios próprios à ciência histórica. Assim, os alunos que participarem desse projeto desenvolverão autonomia, além de um olhar mais crítico sobre temas relacionados à área de humanas.

A ideia de criar um novo espaço para falar sobre História dentro do colégio é um desejo antigo. Em 2013 fiz a minha primeira tentativa. Naquele ano organizei diversos encontros com alunos interessados em sair do lugar comum da sala de aula e tentar algo novo. Foi o embrião da ideia desse laboratório, por mais que na época eu não tivesse a menor ideia de que chegaria até aqui. Optei por realizar encontros quinzenais e discutir com eles alguns textos de historiadores e sociólogos. A minha ideia era mostrar um pouco do ofício do historiador ou ainda como a História poderia ser pensada, escrita, organizada. Com esse objetivo em mente decidi por autores como Marc Bloch(2002), Georges Duby (1987) e Michael Foucault (1987) e o resultado foi bastante interessante.

Ao longo da minha trajetória como professor deparei-me muitas vezes com alunos que demonstraram interesse pela faculdade de História e, muitas vezes, aproximaram-se para conversar comigo sobre o curso e a carreira de professor e historiador. Eles sempre se surpreendem quando digo que na faculdade não estudamos somente o que eles aprendem nas aulas comigo, que os cursos variam bastante e que somos apresentados a um universo de possibilidades distintas de trabalhar-se com a História. Ter tido a oportunidade de debater com aqueles alunos, lá em 2013, textos que tradicionalmente só encontramos na faculdade, permitiu-me mostrar a eles um pouco do funcionamento do curso de história e que a sala de aula, da forma como ela é organizada nos locais onde trabalho, é bastante limitadora dessas possibilidades.

Os alunos que participaram do projeto eram todos vestibulandos e tiveram que dividir seu tempo entre a preparação para o vestibular, conclusão do ensino médio e as leituras para o laboratório. Sendo assim entendo que a decisão de escolher alunos do

último ano do ensino médio não foi acertada¹⁰. Lembro ainda que tais atividades foram desenvolvidas numa instituição privada de ensino, voltada para a preparação dos alunos para o vestibular e assim não tive muito apoio para a realização dessas atividades, pois não atendia à principal demanda da instituição¹¹.

Diante desse cenário, optei por não realizar os encontros no ano seguinte basicamente por duas razões: não havia ainda um projeto amadurecido capaz de ser apresentado à instituição de ensino, logo não consegui o apoio de outros colegas nessa empreitada e a outra razão estava relacionada ao conjunto de alunos, todos eles preocupados e voltados para as provas do vestibular. Mas o desejo de seguir com esse projeto e de construir um novo espaço voltado para a educação dentro da escola não havia desaparecido.

Algum tempo depois participei de uma conversa informal na sala dos professores e falei sobre essa experiência que tive com os alunos. Surpreendi-me quando ouvi de alguns colegas que tal ideia era utópica e que levar esse projeto adiante seria um duplo desperdício de tempo e de material humano. Esse momento nunca foi esquecido e de alguma forma foi-me útil, pois motivou-me a estar aqui hoje defendendo a criação do Laboratório de História do Rio de Janeiro, o LabHisRio.

A ideia de utopia apresentada naquela sala, anos atrás, era bem simplificada: utopia como algo impossível, objetivo inalcançável, ou com um toque de sofisticação, o “não lugar”. Será que buscar novas formas de pensar, trabalhar a história e seu processo de ensino e aprendizagem era algo tão cristalizado que não haveria espaço para pensarmos em algo diferente? Ou será que aquela escola não seria o lugar para tentarmos outras formas de estimular os alunos a participarem do seu próprio desenvolvimento intelectual?

A minha experiência docente limita-se ao ensino privado e sempre que fizer referência ao magistério estarei limitado a essa realidade. Enquanto professor eu só trabalhei em escolas privadas, em sua maioria colégios que se originaram a partir de

¹⁰ Uma aluna em particular fez vestibular para história e passou para a Universidade Federal Fluminense (Uff). Foi uma enorme alegria quando ela me contou, após terminar o primeiro período, que tudo o que aprendeu naqueles encontros foi muito útil na matéria de Introdução aos Estudos Históricos.

¹¹ Outro aspecto merece destaque aqui. Essa experiência foi feita de forma muito amadora, não cheguei a apresentar um projeto e nem a formalizar o laboratório. Como mencionado, foi uma ação movida pela vontade de fazer algo diferente, de mobilizar os alunos e mesmo não dando continuidade, considero que foi uma iniciativa importante.

cursos de pré-vestibular. Num modelo baseado na busca por resultados, principalmente a aprovação nos vestibulares, há pouco interesse em se pensar e fazer algo diferente, pois desviaria os alunos dos estudos para esses exames, que por sua vez interessam à escola por conta de futuras matrículas baseadas no “sucesso” desse modelo. Cada vez mais a “preparação” para os vestibulares começa ainda nos anos iniciais do ensino médio, com simulados, aulas específicas e projetos e muito em breve essa postura chegará ao ensino fundamental. Considerando essa realidade, construir um laboratório de História do Rio de Janeiro não interessa, não encaixa. É utópico no sentido até então utilizado. Por conta disso entendi que era necessário ampliar o que entendo como utopia.

Chauí (2008) teceu algumas considerações importantes sobre a ideia da utopia. Segundo a autora o conceito nasceu como um gênero literário, marcado por uma narrativa sobre a sociedade perfeita e justa, assumindo assim também um caráter político. Por ser perfeita, essa cidade seria utópica, pois se trataria do “não lugar” ou do “nenhum lugar”. A perfeição dessa cidade imaginada residiria na supressão de todos os elementos negativos da nossa sociedade, ou seja, a perfeição tem uma relação direta com o imperfeito, por negá-lo por meio de uma transformação. Assim, a utopia poderia ser realizada por meio de uma transformação operada por um agente externo a ela. Podemos transpor essa ideia para escola e a sala de aula.

Outro aspecto levantado por Chauí é a ideia de que a utopia possui um caráter totalizante e assim caminharíamos em direção a uma transformação total na busca por essa utopia perfeita. Acredito que no caso do laboratório não precisamos ir tão longe, mas considero que a utopia pode ser também a manifestação da vontade de promover uma mudança em direção ao nosso objetivo, ainda que este seja entendido por alguns (no caso os colegas de trabalho que desacreditaram do laboratório) como sendo impossível ou irrealizável. Por mais que Chauí nos lembre que a utopia não se configura como um plano de ação, o laboratório de história poderá se configurar uma realidade, uma utopia praticada (CHAUÍ, 2008).

Marilena Chauí remete à obra de Thomas More e destaca que este autor concebeu a utopia como uma viagem para uma ilha desconhecida onde os homens praticariam somente o bem. Esta ilha se organizava (nos campos da política, economia e sociedade) de forma bem distinta da realidade vivida por More quando da escrita do

livro *Utopia*, uma das suas mais famosas obras¹². Esse distanciamento entre o que More vivia e o mundo por ele imaginado deu margem interpretativa para que pensemos a utopia como uma impossibilidade e é desta forma que tal conceito acaba sendo empregado. Pensando na metáfora da Ilha, apresentada por More, trabalharei para que o laboratório de história jamais assuma tal postura de isolamento. Configura um dos objetivos do laboratório estimular o intercâmbio de saberes dentro e, se possível, fora do espaço escolar, entre professores e alunos sim, mas que inclua todos que dele quiserem tomar parte.

Dessa forma, para a sequência deste trabalho, espero que a utopia deixe de ser apenas um gênero literário, transformando-se em uma prática organizada, podendo ser vista inclusive como uma ameaça à ordem, negando as fronteiras do real – cotidiano escolar em uma instituição privada – e oferecendo novos caminhos possíveis. Nas palavras de Marilena Chauí:

“Dessa maneira, a utopia não é propriamente um discurso, mas um conjunto de práticas e de movimentos sociais contestadores da sociedade presente no seu todo.” (CHAUÍ, 2008, p. 12)

O laboratório de história pode ser visto como uma utopia, desde que esse conceito seja ampliado, concebendo a ideia de Utopia Realizável, até porque, diante de tantas realidades e problemas enfrentados por nós educadores nos dias de hoje, pensar e executar um projeto como esse é algo do qual devemos nos orgulhar. Imbuídos desse espírito, busquemos inspiração nas palavras do cineasta argentino Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano em uma entrevista. Segundo Galeano, os dois estavam reunidos numa palestra em Cartagena das Índias, Colômbia, quando um estudante dirigiu-se a mesa onde eles se encontravam e perguntou para que serve a utopia. Fernando Birri então respondeu:

“Vejam bem, a utopia está no horizonte e se está no horizonte eu nunca vou alcançá-la porque se caminho dez passos a utopia vai se distanciar dez passos e se caminho vinte passos a utopia vai se colocar vinte passos mais além, ou seja, eu sei que jamais, nunca, vou alcançá-la. Para que serve? Para isso, para caminhar.”¹³

¹² Thomas More nasceu na Inglaterra no final do século XV e em 1516 publicou o livro que ficou conhecido como *Utopia*. Viveu na Inglaterra governada pelo rei Henrique VIII e ao idealizar uma sociedade “perfeita”, a concebia em oposição a realidade por ele experimentada.

¹³ GALEANO, Eduardo; Para que serve a utopia?. YouTube, 03 de agosto de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JrAhJJC8dy8>. Acesso em 03 de agosto de 2019.

Concluindo essa parte, acredito que o Laboratório de História será o espaço de construção de utopias, uma vez que possibilitará aos alunos terem acesso à forma como se contará a própria história e entender como ela dialoga com temas que estão, a princípio, distantes do seu cotidiano. Assim acreditamos que contribuiremos para a formação de cidadãos mais conscientes de seu papel social e comprometidos com a sociedade da qual fazem parte, podendo participar de maneira mais ativa em tudo o que diz respeito ao seu cotidiano.

2.2 – Um Laboratório de humanidades na educação básica. É possível?

“Na universidade se ensina porque se pesquisa” (CHAGAS FILHO, 2000). O cientista Carlos Chagas Filho, autor da frase acima, era um defensor do estreitamento dos laços entre a pesquisa realizada nos meios acadêmicos e a sala de aula, seja ela frequentada por graduandos ou por estudantes da educação básica. Além disso, defendia a ideia de que a universidade não poderia ser um espaço fechado em si mesmo, logo suas práticas, modelos organizacionais, pesquisas e resultados deveriam estar mais próximos de toda a sociedade. Sendo assim busquei inspiração em suas palavras e na própria estrutura organizacional do Instituto de História (IHT) da Universidade Federal Fluminense (UFF) para justificar a criação do LabHisRio.

Espaços como o LabHisRio proposto nesse trabalho não são comuns nas instituições de educação básica e muitas podem ser as razões para essa realidade. Considerando apenas os colégios particulares¹⁴, posso apontar alguns motivos para inexistência de um laboratório, como os custos (ocupar uma sala de aula com uma atividade “extra” e o pagamento de um profissional), a falta de um espaço adequado às necessidades de um laboratório¹⁵, desinteresse da direção de ensino ou ainda a crença de que não possuem profissionais capacitados para tal atividade. Além disso, muitas instituições entendem que laboratórios de ciências (física, química ou biologia) ou de

¹⁴ A nossa experiência em sala de aula foi construída basicamente em espaços privados, sendo assim optamos por não tecer os mesmos comentários sobre espaços públicos.

¹⁵ Esse aspecto pode ser contornado com a criação de um LabHisRio Virtual. Por conta da pandemia do covid-19 muitas escolas (principalmente as da rede privada) investiram nas aulas remotas e para isso utilizaram de plataformas virtuais visando continuarem com suas atividades. Não me proponho nesse trabalho a debater o uso desses meios como forma de substituir a sala de aula, mas acredito que tal estrutura possa ser adaptada para as necessidades do laboratório aqui proposto.

robótica agregam mais valor à escola e assim as humanidades acabam negligenciadas. Diante dessa situação caberá ao professor interessado elaborar um projeto que justifique a criação desse espaço.

Pensando na capacitação dos alunos e na preparação para as etapas seguintes à conclusão da educação básica, ter a experiência de participação em um laboratório, ainda no colégio, pode ser bem interessante, visto que muitas instituições de ensino superior são estruturadas a partir de laboratórios. Lembramos que a universidade é um espaço desafiador para esses jovens, que passam a enfrentar uma realidade bem diferente quando comparamos com a estrutura das escolas de onde vieram. Nas instituições de ensino privado existe uma pressão muito grande para que os alunos deem sequência aos seus estudos na universidade. Essa pressão tem origem na própria instituição, que precisa apresentar “resultados” para continuar no mercado e nos pais dos alunos, já que eles próprios tiveram essa oportunidade e experiência, desejando o mesmo para os seus filhos. Os alunos das escolas públicas também são motivados, muitas vezes pelos seus professores, a seguirem seus estudos na universidade. Porém esses jovens enfrentam muitas outras dificuldades além do próprio processo seletivo e aprovação nas faculdades e precisamos desenvolver ações que possibilitem que todos os estudantes consigam alcançar seus objetivos acadêmicos. O cotidiano da universidade exige desses estudantes um grande grau de autonomia e a experiência de aprendizado no laboratório pode colaborar no desenvolvimento dessas habilidades, estimulando os alunos e os capacitando para essa nova realidade.

Analisando a estrutura do IHT da UFF¹⁶ constatei que atualmente existem 21 laboratórios cadastrados no site e que eles guardam várias semelhanças entre si e com o meu projeto.¹⁷ Os laboratórios da UFF foram concebidos como espaços voltados para a pesquisa de temas específicos, congregando pessoas interessadas em aprofundar seus estudos em um ambiente que favorecesse o intercâmbio de ideias e práticas. Reunindo alunos da graduação, pós graduação, professores da instituição e convidados, esses espaços configuram-se como privilegiados para o compartilhamento de informações,

¹⁶ Informação obtida em <<https://www.historia.uff.br/iht/instituto/laboratorios-e-nucleos/>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

¹⁷ Para fazer esta análise acessei os links dos seguintes laboratórios: Centro de Estudos dos Oitocentos <ceo.uff.br/web/>; Laboratório Cidade e Poder <historia.uff.br/lcp/>; Companhia das Índias <historia.uff.br/ciadasindias/>; Laboratório de História Oral e Imagem <labhoi.uff.br/>; Núcleo de Pesquisa em História Cultural <historia.uff.br/nupehc>. A escolha por esses laboratórios se justifica por possuírem um site próprio.

organização de bancos de dados, troca de experiências, discussão de bibliografia e resultados dessas pesquisas. Desta forma é possível elaborar sínteses, fomentar estudos, promover seminários, cursos e palestras, além de organizar publicações como artigos e livros.

Alguns desses laboratórios têm convênios com instituições de pesquisa em universidades dentro e fora do Brasil, constituindo-se como importantes espaços para o desenvolvimento de atividades de pesquisa e docência. Esses laboratórios são resultado de um esforço coletivo, que tem por objetivo reafirmar seus campos de estudos e pesquisas, demonstrando a importância das suas práticas, que encontramos no Núcleo de Pesquisa em História Cultural (Nupehc) um exemplo disso. Fundado em 1992, tinha como um dos seus objetivos a valorização da história cultural, entendendo ser esta uma linha de pesquisa historiográfica¹⁸. O mesmo ocorreu com o Laboratório de História Oral e Imagem (Labhoi), que defendeu a importância do uso das fontes orais na pesquisa histórica e que atualmente dialoga com a História Pública, mais um campo de atuação da história.

A estrutura desses laboratórios é baseada na divisão em áreas de interesse e linhas de pesquisa, como fica evidente ao analisar, por exemplo, os sites do laboratório da Companhia das Índias e o do Labhoi. Tais divisões permitem um maior alcance das pesquisas e atraem mais pessoas interessadas em delas participar. Assim temos como resultado um maior volume de atividades e produção, justificando a existência e manutenção desses espaços de ciência.

Concluindo essa análise dos laboratórios do IHT da UFF, destaco ainda uma preocupação comum a todos eles: a divulgação científica. Os resultados das pesquisas desenvolvidas em cada um desses laboratórios transformam-se em artigos e livros. Outro meio de divulgar suas atividades é por meio de colóquios próprios ou da participação em eventos promovidos por associações de pesquisa em História. Para além desses espaços e meios de divulgação, existem outras possibilidades, como o que ocorreu com a pesquisa sobre o incêndio do Gran Circus Norte-Americano realizada

¹⁸ O Nupehc merece um destaque, pois foi o único dos laboratórios que em sua descrição destacou a preocupação com o ensino de história e com a formação dos professores que atuam na educação básica. Acreditamos que tais espaços devem servir de pontes entre o que se produz no meio acadêmico e o que acontece no cotidiano das escolas de formação básica.

pelo Labhoi, que foi utilizada em alguns programas pela rede Globo de televisão¹⁹. A divulgação do que é produzido nesses espaços é essencial, pois justifica todo o processo de pesquisa e produção realizado por profissionais comprometidos com suas atividades enquanto intelectuais.

Diante do que foi exposto nos parágrafos anteriores, acredito que a construção de um laboratório de humanidades na educação básica não somente é possível, como se faz necessária. Destaco que deve haver a comunhão de interesses, envolvendo os professores, alunos e a própria instituição, para que este projeto seja viabilizado e que não seja algo pontual, muito pelo contrário, que tenha vida longa dentro das instituições que acreditarem nessa proposta.

2.3 – Por que precisamos de um Laboratório de História no espaço escolar?

A criação do Laboratório de História e as atividades neles desenvolvidas atendem algumas demandas da educação básica. Para melhor entendermos essa relação recorro ao 2º artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). De acordo com este artigo a educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”²⁰. Sendo assim, a partir de um laboratório, como aqui proposto, o aluno pode preparar-se e qualificar-se para o ensino universitário, o trabalho formal, as relações sociais e políticas qualificando sua capacidade de exercer sua cidadania.

Mesmo entendendo que a educação básica não tem como finalidade única a preparação dos alunos visando o ingresso na universidade, não podemos ignorar essa realidade, ainda mais quando me refiro às instituições privadas, que de forma explícita tem esse objetivo²¹. Considerando esse cenário, entendo que os alunos que participam

¹⁹ A história desse incêndio foi utilizada em um programa da rede Globo chamado “Linha Direta”, além de outros programas de caráter jornalístico na mesma emissora. Informação obtida em <https://www.youtube.com/results?search_query=linha+direta+gran+circus> acessado em 20 de maio de 2020.

²⁰ BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional; artigo 2º. Brasília: MEC, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

²¹ A instituição escolhida para o desenvolvimento desse trabalho nasceu como um curso preparatório para os concursos universitários. Embora hoje se configure como um colégio, com turmas de ensino

do laboratório, tanto no ensino público quanto no privado, vivenciam uma experiência na educação mais próxima do que eles encontrarão na universidade, facilitando sua adaptação à essa nova realidade.

Na universidade os alunos encontrarão uma nova estrutura educacional, muitas vezes baseada na organização de espaços semelhantes ao do laboratório. Embora tenha citado a experiência do curso de graduação em História na UFF, tal situação se repete em vários cursos de graduação em outras universidades, por meio de ligas de pesquisa, projetos de extensão ou de iniciação científica. Além disso, aqueles alunos egressos dos laboratórios na educação básica desenvolvem uma gama de habilidades sociais e organizacionais, com destaque para as que envolvem tomadas de decisões, correção de rumos do próprio trabalho e ações proativas.

Além de proporcionar uma nova experiência, o laboratório também é mais um espaço de ensino e aprendizagem dentro da escola, com a vantagem de romper com a estrutura formal que existe na sala de aula. Nós, enquanto professores, esforçamo-nos muito para que nossos alunos participem das aulas, que compartilhem conosco do processo de ensino e aprendizagem, para que eles sejam protagonistas dessa ação, mas não é o que acontece na maioria das vezes. O modelo de trabalho desenvolvido no laboratório rompe com esse cenário, tornando-o muito mais dinâmico e interessante, tanto para os alunos quanto para os professores e demais profissionais que possam se interessar em participar do processo, lembrando que se trata de um espaço plural, com relações horizontalizadas e que possibilita a participação de alunos de diferentes séries do ensino básico.

As atividades do Laboratório de História estimularam nossos alunos a participem das aulas, uma vez que as atividades realizadas naquele espaço refletiram na sala de aula e vice-versa. A relação que foi construída entre o professor (no caso eu mesmo) e alunos no laboratório é diferente da que normalmente construímos em sala de aula. O laboratório permitiu que esses alunos atuassem de forma mais incisiva em todo o processo, pois não há espaço para a passividade. Todos acabam exercendo um papel de protagonismo e nós professores cumprimos o nosso, que é de atuar como motivadores e orientadores das atividades propostas, apontando caminhos e

fundamental 1 e 2, a preocupação com a aprovação nos vestibulares permanece como uma das suas principais metas, embora defendam os mesmos valores e objetivos com relação à educação básica encontrados na LDB.

apresentando soluções, que não necessariamente resultaram em êxitos. Não se pode perder de vista que no laboratório existe o espaço para a falha e isso não é nenhum problema.

Diante desse cenário o laboratório surge como uma novidade, o que por si já chamará a atenção desses estudantes, muitos deles desejosos de romper com formatos tradicionais de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, um dos desafios dos professores será manter aceso esse sentimento nos alunos, para que eles continuem se desenvolvendo. Para que isso aconteça é necessário um bom planejamento das atividades a serem desenvolvidas no laboratório, como veremos mais adiante nesse trabalho, quando apresentarei uma sugestão de sequência didática.

Ainda no que diz respeito ao trabalho do laboratório, tenho feito uso do que Michael Frisch entende como Autoridade Compartilhada, conceito por ele desenvolvido na década de 1990, e elaborado para tratar dos aspectos relacionados às questões que envolvem as ideias de autoria e autoridade sobre o passado, nos termos das entrevistas de História Oral. O autor entende que o saber daqueles que realizam as entrevistas não deve se sobrepor aos saberes mobilizados pelos entrevistados. A condição de historiador não nos confere nenhuma autoridade sobre as formas de construção do passado. No texto *“A História Pública não é uma via de mão única”*, Frisch destaca que:

“A shared authority [Uma autoridade compartilhada] sugere algo que é da natureza da história oral e da história pública: nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado. Até onde entendo, nós simplesmente não temos a autoridade para sair distribuindo por aí. [...] somos convocados nem tanto para “compartilhar autoridade”, mas para respeitar e atender a esta qualidade intrínseca.” (FRISCH, 2016, p. 62)

Proponho então a ideia de autoria compartilhada com os alunos, uma vez que todas as atividades realizadas ao longo dos encontros no laboratório serão feitas em conjunto, incluindo o artigo final a respeito de toda essa experiência.

3 – Como organizar um Laboratório de História

3.1 – Projetos e desafios: construindo um laboratório

Quando escutamos a palavra “Laboratório” logo nos vem a ideia de um espaço cheio de cientistas, usando jaleco branco e óculos, manipulando tubos de ensaio com líquidos coloridos de onde sai fumaça. Eventualmente o barulho desses tubos entrando e saindo de máquinas e suportes próprios de metal é interrompido por explosões, resultado de experimentos, bem sucedidos ou não. Podemos ainda imaginar o barulho de máquinas realizando testes ou talvez o som dos animais que podem ser usados como cobaias. Cientistas vestindo jalecos brancos andando de forma apressada, gesticulando e conversando entre si completariam esse cenário. Diante desse exemplo nos vem à cabeça a seguinte indagação: “Seria possível existir um Laboratório de Humanidades?”. Acreditamos realmente que sim e parte desse trabalho é apresentar essa possibilidade.

A escolha pelo termo “Laboratório” para esse espaço não foi simples. Além dele pensei em Ateliê e Oficina. Ambos seriam ótimos, uma vez que são espaços que trazem a ideia de construir o saber de forma quase artesanal, meticulosa e atenta, da mesma forma que faríamos em um laboratório. Charles Wright Mills (2009) aponta que o trabalho do intelectual ou cientista aproxima-se do que um artesão produz em seu ateliê. Uma atividade constante sujeita a erros e acertos, avanços e retrocessos, porém marcado pela persistência e rotina, aspectos necessários ao desenvolvimento das atividades ali propostas. Diante disso mantive a vontade de usar a palavra “Laboratório” de forma provocativa e também para fazer referência ao fato de que a História também é uma ciência, com suas fontes, objetos e metodologias próprias e que nós, historiadores, somos cientistas, embora muitas vezes sejamos tratados apenas como professores.

Na década de 1970 os antropólogos Bruno Latour e Steve Woolgar passaram dois anos realizando um trabalho de campo no prestigiado Instituto Salk, em San Diego, Califórnia. A proposta deles era realizar um trabalho etnográfico, tendo como objeto de estudo o Laboratório de Neuroendocrinologia e tudo mais que envolvesse a pesquisa dentro desse espaço (LATOUR e WOOLGAR, 1997). Os próprios cientistas que lá trabalhavam foram alvo dos antropólogos, estes mais interessados em observar os

métodos e as relações entre os profissionais do instituto do que necessariamente com o que pesquisavam.

O resultado desse trabalho demonstrou que o laboratório é o espaço privilegiado para a realização da pesquisa e desenvolvimento de novas ideias, local para experimentações, onde o sucesso e o fracasso caminham bem próximos. A experiência de Latour nesse trabalho serviu como inspiração para que eu idealizasse o Laboratório de História, sem necessariamente estar comprometido com o modelo comumente idealizado desse espaço, e sim com a construção de saberes em conjunto com os alunos, em que a rigidez da hierarquia escolar dará espaço ao diálogo na construção de saberes compartilhados.

3.2 – Metodologia e organização do cotidiano

A metodologia das atividades desenvolvidas no Laboratório pode variar de acordo com os objetivos buscados. Nesse primeiro momento apresento a ideia de criarmos um Banco de Memórias do Bairro. Utilizaremos a noção de “Banco” como o lugar onde se pode armazenar e acumular informações, neste caso o bairro de Botafogo, alvo dessa pesquisa. Os membros do laboratório são convidados a realizar diversas entrevistas com parentes e moradores da região e utilizando esses relatos somos capazes de resgatar uma memória, comum ou não das pessoas que ali vivem.

A realização desta atividade previa a leitura da bibliografia sobre História Oral, bem como o debate acerca do conceito de Memória. A ideia original era fazer esse debate presencialmente, numa roda de conversas com os alunos, mais ou menos como fazemos nas aulas da faculdade de História, mas devido às condições impostas pela pandemia de COVID-19 optei por escrever um pequeno texto sobre História Oral e Memória, que foi disponibilizado na plataforma do Google Sala de Aula.²²

Concluída essa fase inicial, passamos à pesquisa sobre a história do bairro de Botafogo procurando situações pontuais que possam ter deixado marcas na região e na

²² Este pequeno texto está anexado ao trabalho.

vida dos moradores²³. Como exemplo das possibilidades de pesquisa a partir dessa ideia, relatei para eles a história do Incêndio do Gran-Circus Norte-Americano em Niterói e como esse episódio marcou aquela geração²⁴. Para melhor ambientar os alunos produzi um texto sobre a história do bairro de Botafogo, remontando ao tempo em que a região ainda era uma sesmaria e sofria com as invasões francesas do século XVI²⁵. Este texto tinha por objetivo instigar os alunos, já que nosso trabalho estava voltado para a inauguração do metrô do bairro.

Após esse momento, iniciamos o preparo dos roteiros das entrevistas, uma atividade de construção coletiva, para que possamos uniformizar minimamente o que será perguntado pelos entrevistadores. Uma das principais propostas do laboratório é horizontalizar suas práticas para que assim possamos realizar um trabalho de autoria compartilhada. A elaboração desse roteiro deve corroborar com essa premissa.

O processo das entrevistas não é previsível, muito menos linear e o resultado disso é um emaranhado de informações, todas elas relevantes no processo, mas ter um roteiro estruturado ajuda na construção da narrativa histórica acerca do nosso objeto. Existem ainda as questões práticas desse trabalho, incluindo a utilização de aparelhos de gravação de áudio, o que demanda o desenvolvimento de técnicas relacionadas a captação de áudio e a escolha de quais serão esses instrumentos²⁶.

O Laboratório, como espaço onde estão os instrumentos que permitirão as análises das entrevistas, é também o local onde acontecerá a produção do trabalho final. As entrevistas são transcritas, lidas por todos e, após essa etapa, os alunos podem escrever um artigo sobre o que foi apurado. Este artigo é um dos produtos dessa pesquisa e também resultado de um trabalho coletivo, de autoria compartilhada. Para além desse artigo, precisaremos pensar em novas ações para que possamos manter o Banco de Memórias vivo, sendo constantemente alimentado e atualizado, pois o

²³ Joaquim Justino dos Santos utiliza o conceito de História do Lugar ao fazer referência à história dos espaços onde os alunos estão realizando as entrevistas. Uma espécie de micro história do espaço trabalhado.

²⁴ Incêndio do Gran-Circus Norte-Americano, ocorrido na cidade de Niterói em 1961 foi objeto de estudos do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI), localizado na Universidade Federal Fluminense. <http://www.labhoi.uff.br/node/52>.

²⁵ Esse texto encontra-se nos anexos desse trabalho.

²⁶ Buscando evitar custos, utilizaremos os aparelhos celulares dos alunos, cientes de que o som pode não ficar nítido. Para minimizar esses problemas serão feitos diversos testes, buscando reproduzir as situações que serão vivenciadas e nesse sentido conseguir atingir nossos objetivos.

Laboratório de História seguirá suas atividades no ano seguinte quando novos temas poderão ser abordados e trabalhados com novos alunos.

3.3 – O nosso LabHisRio: proposta de trabalho

O laboratório tem como um dos seus principais objetivos apresentar e discutir metodologias com os alunos sobre como podemos construir conhecimento histórico e por isso os temas escolhidos devem dialogar com essa premissa e gerar interesse imediato. Diante das dinâmicas sociais que envolvem a cidade do Rio de Janeiro, estabeleci que o primeiro trabalho do laboratório seria realizar um conjunto de entrevistas sobre o impacto da construção e inauguração do metrô no bairro de Botafogo.

A escolha por esse bairro justifica-se não somente por conta da localização da escola, mas por abrigar uma estação que, até a recente expansão da linha 1, era uma das estações finais do metrô. Sendo assim é possível ter uma percepção mais ampla do impacto causado pela inauguração dessa estação de metrô no bairro e no cotidiano dos seus moradores.

O tema escolhido relaciona-se com as dinâmicas mais recentes envolvendo as mudanças nos meios de transporte na cidade do Rio de Janeiro, como a construção do BRT²⁷ e do veículo leve sobre trilhos, conhecido popularmente como o VLT. A proposta é mostrar aos alunos que ações como essas são frequentes na cidade e que sempre geram debates envolvendo os moradores das regiões afetadas por tais mudanças²⁸.

²⁷ A sigla BRT tem origem na expressão inglesa *Bus Rapid Transit*.

²⁸ Com o objetivo de melhor ambientar os alunos sobre os bairros que serão estudados, consideramos ser interessante apresentar um breve histórico da região, que será poderá ser construído com os alunos.

3.3.1 – Projeto do LabHisRio

O principal objetivo desse trabalho é construir, junto aos alunos, o Laboratório de História e por meio dele ampliar as ações que cotidianamente são desenvolvidas em sala de aula. De forma mais ampla, pretendo demonstrar e reforçar a necessidade de espaços como um Laboratório de Humanidades nas escolas, principalmente nesse momento de reformas curriculares e um direcionamento, no ensino médio, do aluno para áreas afins. As temáticas e metodologias trabalhadas e desenvolvidas nesse espaço possuem significado em todas as áreas do conhecimento, sejam áreas técnicas ou naturais (nesse caso as áreas biomédicas). Nesse sentido esperamos que tal iniciativa possa ser replicada em diversos cenários, adaptando-se às conjunturas específicas de cada área do conhecimento e de cada instituição de ensino.

Os principais objetivos do projeto são:

- Construir um espaço para pensar e repensar a prática docente por meio de caminhos que extrapolem a sala de aula.
- Fortalecer os laços entre todos os envolvidos no processo, como os próprios alunos, escola e comunidade escolar, com ênfase nos profissionais de educação que participarem do Laboratório.
- Desenvolver técnicas de trabalho nessa área, tendo como referência a história oral e a elaboração de vídeos e textos;
- Ampliar o universo cultural e social de todos os envolvidos, sensibilizando-os para questões que tangem as relações interpessoais no mundo atual;
- Estimular o debate sobre questões da atualidade e buscar soluções para problemas do cotidiano de forma interdisciplinar, por meio de um intenso diálogo com outras disciplinas, estando representadas no Laboratório pelos outros professores da instituição;
- Demonstrar a importância da área de humanidades no espaço escolar e na sociedade como um todo.

3.3.2 – O espaço do laboratório

Este projeto foi pensado para ser desenvolvido no Colégio Curso Intellectus, nas unidades localizadas no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro e na Tijuca,

zona norte da cidade, mas por questões relacionadas a pandemia do covid-19, só foi possível realizar os encontros (virtuais) com os alunos da unidade de Botafogo. O Intellectus foi escolhido como espaço privilegiado para a realização desse trabalho por conta da boa relação mantida com as coordenações de ensino, pedagógica e com corpo docente e discente. Interessada no projeto, a direção do colégio disponibilizou uma sala para realizarmos as reuniões, além de suporte técnico como acesso a computadores e impressoras.

Tradicionalmente a escola organiza a Feira da Cultura, momento em que os pais dos alunos entram em contato com o que foi produzido ao longo do ano e nos foi feito o convite para apresentarmos os resultados do laboratório nesse evento, mas por conta da pandemia de covid-19 essa atividade foi suspensa. A direção pedagógica da instituição acenou, mediante o êxito do projeto, com a possibilidade de estender o laboratório para as demais unidades.

O LabHisRio pode também ser percebido como mais um produto ou serviço oferecido pelo colégio no ato da matrícula de novos alunos e isso é uma realidade do mercado privado de educação. Não entendo esta situação como um problema, pois pode resultar em ganhos para o projeto, como maior visibilidade e interesse por parte dos colegas professores e alunos, resultando em mais um espaço de trabalho remunerado mesmo não sendo esse o elemento motivador do laboratório. Além disso, diante do interesse despertado, podemos propor sempre novas abordagens e metodologias de trabalho.

3.3.3 – Público alvo

O Laboratório de História funciona como uma extensão das salas de aula sem necessariamente possuir a mesma organização e dinâmica. Nesse primeiro momento apresentei o projeto para os alunos do segundo ano do ensino médio, uma vez que sou o professor regular dessas turmas²⁹. Esta condição facilita o acompanhamento das ações do laboratório. A adesão dos interessados ao projeto é voluntária, não configurando

²⁹ O ano em que realizamos as atividades do LabHisRio foi um ano excepcional por conta da pandemia de covid-19 e diversas adaptações foram feitas no projeto. Uma delas diz respeito à escolha dos alunos para participarem dessas atividades. Sendo assim, por questões variadas, convidei os alunos da terceira série para participarem do LabHisRio, mesmo acreditando que não seja o melhor público por motivos já expostos nesse trabalho.

parte do processo avaliativo da escola³⁰. Desejamos despertar o interesse dos alunos pela ideia do projeto em si, oportunizando novos olhares sobre a relação ensino aprendizagem para além do aspecto de uma avaliação quantitativa.

Outro aspecto a ser considerado é que não busco os melhores alunos de História ou da área de humanas e não limitei a participação de ninguém, exceto por problemas de adequação ao espaço, o que não foi um problema porque, excepcionalmente, realizamos os encontros de forma virtual. Caso houvesse uma procura muito grande seria necessário algum tipo de seleção, mas não foi necessário fazer isso. Inclusive, quando da apresentação do Laboratório de História, reforcei a ideia de que não se trata de uma aula formal, na verdade nem acredito que o termo “aula” devesse ser utilizado nesse caso e assim optamos pela palavra “encontro”, incentivando inclusive os alunos que não tinham muita afinidade com a disciplina.

Objetivando uma melhor análise dos alunos e suas famílias, busquei informações sobre o perfil socioeconômico deles, mas não obtive sucesso em conseguir tais dados porque a instituição optou pela preservação dos seus alunos e respectivas famílias, além de não informar quantos seriam os alunos bolsistas. Diante dessa situação consultei o site do Instituto Pereira Passos e constatei que o bairro de Botafogo, localizado na região da zona sul da cidade do Rio de Janeiro tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,901 e que os moradores têm uma renda *per capita* de R\$ 1376,47 enquanto na Tijuca, inserida na região da zona norte tem um IDH de 0,885 e uma renda *per capita* de R\$ 1204,61.³¹ O perfil socioeconômico deles pode colaborar na percepção das redes de sociabilidade dos alunos, relacionando com o perfil dos possíveis entrevistados.

³⁰ É esperado que os alunos questionem o fato desse trabalho não valer ponto, uma vez que estão inseridos numa estrutura baseada na avaliação por meio de pontuação. Na escola existem atividades que premiam a participação dos alunos por meio da concessão em pontos em quaisquer matérias que o aluno escolher, dentro de um limite estabelecido pela coordenação, mas não adotaremos essa prática.

³¹ Dados sobre o perfil socioeconômico dos moradores do bairro de Botafogo e Tijuca podem ser encontrados em <http://www.data.rio/datasets/nota-t%C3%A9cnica-32-%C3%ADndice-de-desenvolvimento-humano-idh-municipal-an%C3%A1lise-para-a-cidade-do-rio-de-janeiro-janeiro-2015> acessado no dia 10 de novembro de 2019.

3.3.4 – O cotidiano do LabHisRio

O laboratório de história funciona em paralelo com as atividades da escola ao longo do ano letivo. Inicialmente pensei em organizar os encontros do LabHisRio e suas atividades no primeiro semestre, mas por conta do cenário singular do ano de 2020, acabei executando o projeto no segundo semestre. A ideia original é não impactar o calendário escolar e por isso realizaria os encontros no contra turno, o que acabou acontecendo de forma virtual.³². Ao todo idealizei seis encontros para essas atividades, que têm por objetivo capacitar os alunos para a consecução do projeto. As datas desses encontros são estabelecidas de ano a ano, de acordo com as especificidades de cada escola. Abaixo apresento uma sugestão para essas atividades bem como uma breve descrição do que pode ser feito em cada um dos encontros, mas o que realizamos nesse projeto piloto seguiu outro caminho, como será apresentado e explicado mais adiante nesse trabalho.

Unidade de Botafogo³³

Encontros	Atividades propostas
1º encontro	Apresentação do Laboratório e do projeto a ser desenvolvido
2º encontro	Análise de texto sobre memória e história oral
3º encontro	Papo sobre os possíveis entrevistados; onde procurá-los e como fazer a seleção para a entrevista.
4º encontro	Elaboração dos roteiros e preparação técnica para posterior entrevista.
5º encontro	Encontro pós entrevistas. Papo aberto e preparação para a redação dos artigos relatando a experiência de ter participado do Laboratório.
6º encontro	Fechamento do projeto

Breve descrição dos encontros no Laboratório:

1º encontro: Apresentação do Laboratório para os interessados a partir de um resumo do projeto e uma conversa com os alunos sobre motivações, expectativas e objetivos pessoais.

³² Nem todos os alunos podem participar do LabHisRio por conta de compromissos pessoais e por isso eles são consultados sobre qual seria o melhor momento para a maioria, mas não foi necessário esse tipo de consulta por conta da pandemia.

³³ Utilizei do mesmo roteiro nas duas unidades do colégio.

2º encontro: Debate sobre um texto que trabalhe a dinâmica do uso da história oral e da memória no espaço escolar.

3º encontro: Conversa com os alunos sobre os possíveis entrevistados e como fazer a entrevista. Os alunos terão contato com outras entrevistas realizadas no mesmo modelo.

4º encontro: Elaboração do nosso roteiro de entrevista e preparo técnico para realizá-la. Ensaio das entrevistas entre os próprios alunos para familiarização com o processo.

5º encontro: Um bate papo sobre as entrevistas realizadas. Troca de experiências entre todos que participaram. Preparação do artigo final a ser escrito.

6ª encontro: Fechamento dessa primeira rodada de ações do Laboratório. Organização do Banco de Memórias e leitura conjunta dos artigos por nós produzidos.

3.3.5 – Resultados esperados

A conclusão do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA) pressupõe, dentre algumas possibilidades, a produção de uma intervenção pedagógica, que convencionamos chamar de produto por falta de um termo melhor. Nesse sentido o presente projeto terá como produto principal a metodologia da construção do Laboratório de História, implementado ao longo do corrente ano. Os resultados, êxitos e fracassos, farão parte da dissertação apresentada ao fim do trabalho. Em paralelo reforço que tal metodologia poderá ser replicada em outros locais de trabalho, divulgando junto aos colegas as práticas desse laboratório.

Além do Laboratório em si, outros produtos serão desenvolvidos ao longo das atividades como o Banco de Memórias, reunindo as entrevistas, fotos e possíveis vídeos feitos pelos alunos e um artigo escrito por todos nós, pois a divulgação do nosso trabalho é parte importante do processo e acredito que assim posso contribuir para a formação de cidadãos críticos, comprometidos com o seu papel social exercido cotidianamente³⁴.

Os custos da organização desse projeto são relativamente baixos, uma vez que a escola disponibilizou o espaço para o Laboratório de História e uma equipe de

³⁴ A escrita desse artigo é de fundamental importância, dentro da ideia de autoria compartilhada. FRISCH (2016).

informática para posterior organização online do Banco de Memórias. Por conta das excepcionalidades relacionadas à pandemia de 2020, os encontros aconteceram de forma virtual. Os aparelhos para gravação das entrevistas são os celulares dos alunos e o armazenamento das imagens e vídeos é feito de forma gratuita na plataforma virtual da instituição de ensino.

Destaco ainda que uma de nossas propostas é ampliar o alcance dessas atividades e estimular sua prática em outras escolas, independente de serem instituições públicas ou particulares. Entendo que nem todas as escolas (na verdade uma minoria) possuem condições materiais para atividades custosas e essa é uma das nossas preocupações; propor uma atividade viável em quaisquer cenários.

3.4 – Organizando o LabHisRio em tempos de pandemia

O ano de 2020 ficará marcado como aquele em que, por conta da pandemia de corona vírus, vimos-nos obrigados a reorganizar as ações de sala de aula e os professores tiveram que se desdobrar para atender a essa demanda³⁵. Com o LabHisRio não foi diferente e ele ganhou uma versão digital. Diante da impossibilidade de realizar os encontros com os alunos, optei por criar um espaço virtual para a sequência das atividades propostas por esse trabalho. Admito não considerar essa a forma ideal de trabalho, ainda mais quando se trata da implementação de um projeto, momento de questionamentos, ajustes, sucessos e fracassos. Fazer tudo isso de forma virtual não foi uma tarefa fácil e alguns ajustes foram necessários.

O colégio onde baseei o LabHisRio preparou uma estrutura de salas de aula virtuais, utilizando a plataforma do Google Sala de Aula. Sobre a prática das aulas online, reafirmo que não faz parte do meu objetivo debater a metodologia adotada pela escola, ou ainda se o Google Sala de Aula é a melhor ferramenta para alcançar os objetivos propostos para a educação nesse momento no país. Acredito inclusive que tais

³⁵ Acredito que ao longo dos anos de 2020 e 2021 serão realizadas diversas pesquisas sobre como as escolas se adaptaram à realidade imposta pela pandemia e essas mudanças aconteceram tanto na educação pública quanto na privada. Como professor da rede privada não me sinto a vontade em trazer tais relatos para esse trabalho lembrando ainda que não se trata do meu objetivo inicial, assim os comentários sobre as adaptações das escolas a essa situação terão como referência a minha experiência na educação privada.

questões são muito importantes e merecem uma atenção especial e tenho certeza de que outros professores e historiadores se debruçarão sobre esses tópicos e produzirão análises mais embasadas sobre o que aconteceu na educação brasileira no ano de 2020.

Diante desse cenário foi necessária uma nova mobilização junto à direção e coordenação pedagógica da instituição, no sentido de justificar a construção do LabHisRio nesse momento tão delicado. Os gestores apontaram duas preocupações iniciais: a primeira delas com a sobrecarga de trabalho virtual sobre os alunos, já muito fragilizados por conta de tantas mudanças em suas vidas pessoais e no cotidiano escolar e a outra dizia respeito às entrevistas, pois demandam o contato dos alunos com outras pessoas em tempos de isolamento. Preocupações justas.

Visando contornar tais problemas defendi que a adesão ao LabHisRio era voluntária e que não impactaria sobre quaisquer práticas avaliativas, logo, os alunos que não participassem não seriam prejudicados. Ainda nesse sentido argumentei que se tratava de algo novo e que os alunos poderiam sentir-se motivados em participar desse movimento. Com relação às entrevistas propus que elas acontecessem de forma virtual (por e-mail ou quaisquer outras formas de comunicação) ou que os alunos entrevistassem pessoas da própria família, com quem tivessem contato diariamente³⁶. A direção então concordou com essas propostas. Restava então reorganizar todas as ações do laboratório.

O LabHisRio foi idealizado para funcionar de forma presencial, com a realização de encontros regulares com os alunos e nessas oportunidades seria apresentado o rascunho das propostas para daí construirmos, a várias mãos, as atividades a serem desenvolvidas em conjunto. Mas a realidade não permitiu esse encaminhamento e as adaptações que foram feitas podem ter tirado um pouco da força do projeto, mas não o inviabilizou.

Dentre essas adaptações destaco a redução no número de encontros, a ausência de um debate mais profundo sobre a História Oral, usos da memória, História Local, técnicas de gravação das entrevistas e a escolha dos alunos que participaram do

³⁶ Muitos alunos relataram que durante o período do isolamento passaram mais tempo com seus parentes, principalmente pais e avós. Assim considerei oportuna a realização das entrevistas. A dificuldade passou a ser outra, pois muitos desses pais e avós não estavam em Botafogo quando da inauguração do metrô.

projeto³⁷. Sobre esse ponto recordo que defendi a ideia de não convidar, em um primeiro momento, os alunos da 3ª série do ensino médio por conta do foco voltado para as provas do vestibular, mas acabei por convidá-los também e o principal motivo foi muito simples: eu já os conhecia do ano anterior. Por conta dessa relação prévia com a turma eu já havia estabelecido com eles uma relação de confiança, o que considero essencial para a execução desse trabalho. A decisão de, excepcionalmente, reduzir o número de encontros tem por objetivo não atrapalhar ainda mais o andamento do já conturbado ano escolar de 2020. Sendo assim estabeleci que seriam quatro encontros apenas. Segue abaixo o roteiro utilizado.

Unidade de Botafogo

Encontros	Atividades propostas
1º encontro	Apresentação do Laboratório e do projeto a ser desenvolvido além de um papo sobre História Oral, memória e História Local.
2º encontro	Papo sobre os possíveis entrevistados; onde procurá-los e como fazer a seleção para a entrevista. Elaboração do roteiro a ser utilizado.
3º encontro	Encontro pré-entrevista: dúvidas gerais e questões burocráticas (cartas de cessão de direitos)
4º encontro	Encontro pós-entrevista: relatos sobre a experiência e troca de impressões entre os alunos.

Descrição das atividades:

1º encontro: Será feita uma breve exposição do LabHisRio, focando em seus objetivos e metodologia de trabalho, bem como em possíveis resultados. Nessa oportunidade conversaremos sobre o que os alunos entendem como História Oral, Memória e História Local, sendo estimulados a pensarem em como esses pontos tocam o nosso cotidiano, incluindo as nossas aulas.

2º encontro: O foco nesse momento volta-se aos possíveis entrevistados, onde encontrá-los e quais seriam os critérios para a escolha dessas pessoas. Ao final elaboraremos em conjunto o roteiro da entrevista a ser realizada, com ênfase na sequência das perguntas.

³⁷ A proposta original era fazer essa atividade com os alunos das unidades de Botafogo e da Tijuca do Colégio e Curso Intellectus, mas diante de tantas excepcionalidades, considerei que não seria viável fazer isso e assim privilegiei a unidade de Botafogo.

3º encontro: Momento para uma conversa voltada para as possíveis dúvidas e dificuldades para a execução das entrevistas. Ajustes técnicos e metodológicos com destaque para questões burocráticas relacionadas aos documentos de cessão de direitos sobre a entrevista.

4º encontro: Último encontro com os alunos: espaço para a troca de experiências e de impressões sobre o trabalho. Uma conversa sobre como o LabHisRio impactou cada um dos alunos e se a experiência foi positiva. Os alunos serão estimulados a escreverem sobre essa prática.

Após a conclusão dessas atividades passaremos a transcrição das entrevistas, visto que elas fazem parte do acervo do Banco de Memórias do LabHisRio. E para finalizar esse projeto, os alunos foram convidados a escreverem, em qualquer formato, sobre a experiência de terem participado do laboratório, concluindo assim essa atividade.

3.5 – Os encontros virtuais do LabHisRio

Os encontros do LabHisRio foram todos gravados na plataforma do Google Sala de Aula e registrados por mim num caderno de campo. Independente do formato dos encontros, presenciais ou virtuais, um caderno de campo auxilia a compreender os rumos do laboratório e apontar novas direções para o trabalho. Os relatos a seguir estão divididos por encontros e foram escritos imediatamente após cada um desses encontros e antecipadamente me desculpo por uma escrita mais apresada ou menos formal.

1º Encontro – 12 de setembro de 2020

Nesse primeiro momento apresentei a ideia geral do projeto, informando que se tratava da minha pesquisa do mestrado e que eles não têm um compromisso institucional com o LabHisRio tampouco essas atividades impactarão em pontos ou em quaisquer aspectos avaliativos do colégio. Foi interessante perceber que nenhum dos alunos presentes questionou isso e todos entenderam tratar-se de uma atividade fora da grade curricular.

Após essa apresentação eles pareceram animados com a ideia, embora não tenha ficado claro o que será feito. Convidei a turma a participar de forma mais efetiva do encontro, mas ninguém ficou confortável para abrir a câmera, mas muitos fizeram intervenções com áudio. Após esse papo inicial conversamos sobre o que eles entendem como História Oral e foi interessante ouvir que seria uma espécie de história contada por alguém, sobre algum momento histórico. A conversa seguiu por esse caminho e falamos sobre fontes e a crença ou não nelas. Aqui falei sobre a especificidade das fontes orais, diferenciando as entrevistas de viés jornalístico das voltadas para a História Oral.

Seguindo adiante os interroguei sobre o que seria “memória” e se ela poderia ser utilizada como fonte histórica. As respostas foram interessantes, pois os provoquei com as ideias de Michael Pollak quando diz que “não fizemos tudo o que lembramos nem lembramos de tudo que fizemos”. Eles divertiram-se com essa ideia e deram exemplos pessoais. Ao fim falamos sobre o que seria História do Lugar e eles resumiram como sendo a História do lugar onde vivemos e a partir daí conectamos com a ideia de micro história inserção desses temas em contextos mais amplos.

Confesso que fiquei animado com a ideia e acredito que faremos um excelente trabalho. São alunos da 2ª e 3ª séries do ensino médio. Esse primeiro encontro reuniu 16 pessoas.

2º Encontro – 19 de setembro de 2020

Esse encontro ocorreu uma semana depois do anterior e eu deixei como “dever de casa” o filme “Narradores de Javé” e a leitura de um pequeno texto autoral sobre a história do bairro de Botafogo. Uma aluna tentou ver o filme e desistiu e outra lembrou ter visto em anos anteriores. Infelizmente não pude explorar o debate sobre o filme e penso que se fosse algo menor, um vídeo mais curto, teria mais adesões. Alguns viram vídeos no YouTube sobre o metrô e foi interessante pois perceberam que os trens não mudaram muito em 40 anos, nem as catracas (que são as mesmas).

A conversa seguiu sobre o processo das entrevistas e passamos um bom tempo falando sobre isso. Narrei minhas experiências, apontando sucessos e fracassos e os lembrei que estamos um em “Laboratório”, as coisas podem dar errado e que isso faz

parte do processo, não sendo necessariamente um problema. Apontei alguns cuidados na relação com os entrevistados, no sentido de manter um canal de diálogo aberto e falamos sobre como isso poderia acontecer. Sentimento de empatia, alteridade, cuidado e carinho foram alguns dos pontos abordados aqui.

Duas alunas relataram terem feito entrevistas anteriormente, embora não com o viés da História Oral e as incentivei a fazerem essa e perceberem se é a mesma coisa ou não. Como “trabalho de casa” os estimei a elaborarem roteiros para a entrevista, que eles pensassem no que seria importante do ponto de vista da pesquisa histórica, sabermos para executar um trabalho sobre esse tema.

Fiquei um pouco decepcionado por não terem assistido ao filme, mas a quantidade de atividades que o colégio oferece é enorme e isso talvez tenha atrapalhado sem contar que seriam mais de 2 horas olhando para uma tela e em tempos de aulas online, não é fácil. Nesse encontro éramos 13.

3º Encontro – 26 de setembro de 2020

Nesse momento focamos os roteiros para as entrevistas e surgiram várias ideias interessantes. Destaco a percepção de uma aluna sobre a construção da memória, pois ela achou interessante saber se a pessoa tinha vivido a inauguração do metrô ou se ela ouviu de alguém, pois seriam relatos diferentes. Confesso que fiquei feliz nesse momento! Alguns alunos pareceram mais afoitos e queriam começar logo perguntando sobre o tema abordado e outros sugeriram uma aproximação mais lenta. Concluímos que seria interessante começar com a apresentação dos entrevistadores, informando a data da entrevista e o assunto que será conversado ali e por fim o entrevistado é anunciado. Alguns alunos relataram dificuldade em achar pessoas que vivenciaram a inauguração do metrô de Botafogo, mas decidimos que isso não seria um impeditivo e que o entrevistado poderia falar sobre os impactos do metrô na sua rotina e se ele percebeu alguma mudança no bairro relacionada ao metrô.

Entendemos que seria interessante falar sobre as mudanças na estrutura do metrô tais como horários e dias de funcionamento, modernização do acesso às estações, como o uso dos bilhetes e atualmente cartões, além do preço das passagens e se era um meio de transporte eficaz e acessível. Por fim orientei os alunos para pedirem um relato sobre

alguma situação curiosa que a pessoa entrevistada tenha vivido ou presenciado no metrô.

Ao perguntar e eles sobre os gravadores e se tinham testado seus celulares nessa função constatei o esperado: pouquíssimos preocuparam-se com isso! Uma delas disse que sabia usar o gravador porque gravava a si mesma tocando uku-lele. Achei graça nisso. Os demais foram orientados a testarem seus aparelhos com atenção ao alcance da gravação e espaço de armazenamento no dispositivo. Encerramos a reunião e dois alunos procuraram-me pelo whatsapp.

Um deles disse que recebeu o eletricista na sua casa e o mesmo disse que havia trabalhado nas obras do metrô, mas não no de Botafogo e nessas horas percebo o impacto de ações como o LabHisRio. Esse aluno teve a sua curiosidade despertada e sentiu-se estimulado a conversar com pessoas inicialmente desconhecidas e com uma abordagem próxima ao que propus fazermos no laboratório. O outro caso interessante foi de uma aluna que não pode participar desse encontro, mas mandou um roteiro feito por ela para a entrevista. As perguntas eram basicamente as mesmas que elaboramos ao longo do encontro e assim pude perceber que se eles forem provocados da mesma forma poderão produzir resultados semelhantes.

Ao final do encontro tivemos dificuldade em definir a data do próximo por conta do calendário de provas e dos feriados de outubro, pois mesmo em tempos de pandemia alguns alunos falaram que iriam viajar. Outro aspecto levantado foi a dificuldade em agendar a entrevista por conta dos problemas relatados anteriormente. Diante dessas questões optei por marcar o último encontro para daqui a duas semanas, no dia 17 de outubro. Acredito que esse longo tempo sem encontrar com os alunos, sem a rotina escolar, possa prejudicar o processo.

Um ponto negativo a se destacar é a redução no número dos alunos presentes. Hoje éramos apenas 9 e começamos com 16.

4º Encontro – 17 de outubro de 2020

O último encontro do LabHisRio foi bem distante do que eu havia imaginado e confesso uma certa frustração. Somente duas alunas compareceram e apenas uma

realizou a entrevista. A aluna que não conseguiu fazer a entrevista disse que chegou a marcar com o entrevistado, mas ele desmarcou na última hora. Perguntei se ela tinha se preparado, testado o gravador, levado e treinado as perguntas do roteiro. Como resposta disse que tinha separado dois celulares. Gravaria com um e leria as perguntas no outro. Infelizmente não conseguiu realizar a entrevista.

A outra aluna disse que fez a entrevista com o pai, mas não gostou do resultado, achou que a entrevista foi curta. Talvez eu devesse ter perguntado por que ela não gostou do resultado. Ela disse que fez todas as perguntas do roteiro e que as respostas foram curtas. Conversamos sobre isso e levantei algumas hipóteses, pois entrevistar alguém da família parece-me bom e ruim ao mesmo tempo. O lado positivo é que ambos ficam mais a vontade e a vergonha não é um problema. Os alunos estão fazendo esse trabalho pela primeira vez e a timidez pode ser um complicador. Por outro lado, por ser um familiar muito presente, ele pode achar que já contou essa história antes e por não querer se repetir acabou encurtando as respostas.

Diante dessa situação pedi que ambas escrevessem, se assim desejarem, um pequeno texto sobre a experiência de terem participado desse laboratório e como nossos encontros podem ter contribuído em sua formação. Pedi a aluna que realizou a entrevista que me enviasse o arquivo de áudio bem como as cartas de cessão de direitos (a dela e a do entrevistado) para que eu pudesse arquivar no banco de memórias do LabHisRio.

Esse último encontro foi o mais curto de todos, pois as alunas pareceram sem graça devido ao suposto fracasso do projeto. Argumentei dizendo que não era uma tarefa fácil, que o esforço e o trabalho delas justificavam as ações do LabHisRio. Disse ainda que em um laboratório o sucesso e o fracasso caminham juntos e que aprendemos muito com esses fracassos. Antes de terminar o encontro elas disseram que gostaram muito dos temas sobre memória e história e eu realmente acredito que essa tenha sido a maior contribuição de todo o processo.

Encerrado o encontro virtual fiquei pensando sobre os motivos da baixíssima adesão ao projeto final e considerei alguns pontos. Eu não fiz um grupo de whatsapp com eles, pois estamos todos sobrecarregados de grupos por conta dos colégios e não quis criar mais um. Acredito que esse espaço de “convivência” fez falta. Além disso,

ficou um espaço muito grande entre o 3º e 4º encontros e a entrevista acabou “esfriando”, perdendo-se em meios a estudos, provas e feriados.

Excepcionalmente nesse 3º bimestre as provas do colégio foram discursivas e isso resultou em dificuldades para os alunos, que fizeram suas provas, fotografaram e enviaram as respostas via Google Sala de Aula. Ocorreram muitos problemas nesse processo e imagino que essa situação tenha refletido negativamente no LabHisRio. Por fim entendo que o laboratório deve realmente ser presencial, que a experiência digital é válida, mas alguns encontros devem ser feitos presencialmente. Creio que assim teremos a materialização das nossas ações.

Encerrado esse ciclo de atividades do LabHisRio e acredito que, apesar de alguns problemas, foi bastante produtivo. Os alunos demonstraram um interesse inicial e participaram bem até o 3º encontro. As discussões e debates foram bastante produtivos e tenho certeza de que eles aprenderam muito. Realmente lamento que somente uma entrevista tenha sido realizada, mas os erros nesse momento serão corrigidos em novos ciclos de atividades do LabHisRio e a instituição tem interesse em manter o laboratório funcionando.

4- Considerações finais

Ao encerrar as atividades do LabHisRio em 2020 tive certeza que a utopia aqui apresentada é realizável, podendo ser praticada, como experimentei nesses quatro encontros do laboratório. Marilena Chauí estava correta sobre isso (CHAUÍ, 2008). Construir o LabHisRio em meio a uma pandemia no Brasil não foi a mais fácil das tarefas e por vezes pensei em adaptar meu projeto, afastando-me da ideia original e assim tornar viável esse trabalho, mas optei, talvez, pelo caminho mais espinhoso. Não me arrependo dessa escolha.

A pandemia de COVID-19 nos colocou longe dos alunos, dos colegas, do espaço escolar. Ficamos separados por uma tela já que as aulas foram retomadas de forma

remota³⁸ e o laboratório foi totalmente adaptado para essa nova realidade. Inicialmente achei que não daria certo, pois entendo que educação, principalmente a básica, demanda o contato, proximidade, afeto e tudo isso faz parte do processo educacional. Com o laboratório não seria diferente, pois se constitui mais uma forma de se trabalhar com educação. Sendo assim procurei a coordenação do colégio com o projeto pronto e eles confiaram na ideia, materializando, dentro do possível, o LabHisRio.

Ao realizar os encontros com os alunos eu pude perceber o quanto esse espaço é importante e necessário na educação básica. A maneira como os alunos relacionaram-se uns com os outros foi diferente, pois estávamos fora da estrutura formal da sala de aula, onde preocupações com o fechamento do conteúdo, disciplina, ocupam boa parte desse espaço. O LabHisRio configurou-se um local para compreender a História por um outro caminho, um olhar mais livre, menos preocupado com a ordem dos fatos ou os aspectos políticos, econômicos e sociais que permeiam os livros e apostilas. A História estava viva, acontecia diante olhos e ouvidos dos alunos, que agiam como historiadores, em atitude historiadora.

Ao debatermos conceitos como Memória, História Local ou apresentava os questionamentos a respeito do uso ou não da História Oral como fonte histórica, os alunos entraram em contato com algo que era totalmente novo para eles, pelo menos na forma. Acredito que eles deram um novo sentido para a História, entendendo se tratar de algo além do que eles estudam em sala de aula. A História está em todos os lugares, o cotidiano deles, das pessoas com quem convivem, também fazem parte dela.

Organizar espaços como o do LabHisRio não é uma inovação, mas é algo que pouco acontece na educação básica, principalmente em se tratando das ciências humanas. Como apresentamos ao longo desse trabalho, laboratórios são comuns nas faculdades, onde se configuram espaços importantíssimos para o desenvolvimento dos estudantes que entram em contato com a pesquisa em suas áreas de atuação e conseguem usar esses espaços para produzirem artigos, contribuindo para a divulgação científica. Mas nas escolas a situação é outra. Por motivos diversos, como já apresentamos anteriormente, não há um estímulo para a organização desses laboratórios,

³⁸ O LabHisRio foi inteiramente desenvolvido numa rede de educação privada que se estruturou para oferecer aos alunos o ensino remoto por meio da plataforma do Google Sala de Aula.

mas entendo que são espaços essenciais e possíveis, independente de ser na rede pública ou privada.

Um laboratório é o espaço onde o sucesso e o fracasso caminham bem próximos e não posso afirmar que essa primeira experiência tenha sido um sucesso, tampouco um fracasso completo. Ivor Goodson ao falar sobre incidentes críticos pontua exatamente o que acontece em espaços como LabHisRio (GOODSON, 1995): o erro, a falha acontece e isso não pode ser visto como uma barreira, um empecilho para a continuidade do processo. Que sejam feitos ajustes, mudanças de rota, mas que mantenhamos o destino, nas palavras de Fernando Pessoa, “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Analisando os resultados do LabHisRio de forma fria podemos entender que fracassamos, pois éramos apenas três pessoas no último encontro e das duas alunas presentes apenas uma fez a entrevista³⁹. Parece desanimador olhar por esse ângulo, mas proponho uma alternativa. Sem entrar na questão das especificidades de 2020, das datas escolhidas para esses encontros, dos choques com o calendário escolar, feriados, ser um espaço virtual (o que contrariou a ideia original), ter uma aluna grata por ter participado de tudo, inclusive a realização da entrevista, já me deixa feliz e motivado para o próximo trabalho. É verdade que nenhum dos alunos se animou em relatar sua experiência em formato de artigo, como foi proposto inicialmente e por isso não tenho como analisar o quanto foram impactados ou não pelo laboratório, mas ser abordado por eles contando que fizeram pesquisas sobre o assunto, conversaram com outras pessoas, demonstraram interesse no tema, é o que faz toda a diferença ao final.

Se fracassamos, caímos de pé, pois a repercussão entre os colegas, coordenação, direção, alunos e pais foi ótima e já estou pensando nos temas que podem ser trabalhados no ano que vem. Os colegas demonstraram interesse, apoiaram o trabalho e a desconfiança sobre a viabilidade de espaços como esse se, não acabou, diminuiu bastante. Se no passado fui questionado por eles sobre a construção de um espaço de ensino de História fora da sala de aula, hoje elogiam e pensam em seus próprios projetos. Os alunos que participaram desse experimento em 2020 e permanecerão no colégio já perguntaram se faremos novamente esse trabalho e qual será o próximo tema.

³⁹ Um relato mais completo de todos os encontros está anexado a esse trabalho no formato de um caderno de campo.

Sendo assim posso concluir afirmando que projetos como esse são viáveis e necessários. Precisamos criar cada vez mais espaços voltados para novas formas de ensinar e aprender. O LabHisRio já está sendo organizado para o próximo ano e aguardo ansioso pelos novos e velhos alunos, interessados em participar da construção do seu próprio conhecimento, atuando como protagonistas de sua própria formação, em atitude historiadora.

5 – Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena; Biografia dos avós: uma experiência de pesquisa no ensino médio. In “Usos do passado”, XII Encontro Regional de História organizado pela Associação Nacional de História (ANPUH), Niterói, 2006.

_____; O que documenta a fonte oral? Possibilidades além da construção do passado. In “Ouvir e narrar: métodos e práticas do trabalho com História Oral”, II Seminário de História Oral realizado na UFMG, Belo Horizonte, 1996.

_____; Ouvir contar: textos em História Oral; Editora FGV; Rio de Janeiro; 2004

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In GONÇALVES, Márcia, ROCHA, Helenice, REZNIK, Luis, MONTEIRO, Ana Maria (org). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: FGV, 2012

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes; Usos e abusos da História Oral. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2006.

APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio; TADEU, Tomaz (Orgs.). Currículo, cultura e sociedade. 12a ed., São Paulo – SP: Cortez, 2011. p. 71-106.

BARROS, José D’Assunção; O lugar da História Local. In: I Encontro de História Local/Regional da UNEB; 2009; Santo Antônio de Jesus

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia.** MEC\SEF, 1997

BLOCH, Marc; A apologia da história ou o ofício do historiador. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

CHAGAS FILHO, Carlos; Um aprendiz de ciência; Editora Fiocruz; Rio de Janeiro; 2000.

- CHAUÍ, M. Notas sobre utopia. *Ciência e Cultura*, v. 60, nº 1, p. 7-12, 2008.
- CHAVELLARD; Yves; Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias; *Revista de Educação, Ciências e Matemática*; v. 3; n. 2 2013.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: *Teoria e Educação*, no 2. Porto Alegre: Pannonica, 1990. p. 177-229.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1987
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, A Memória é de Quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: *História da Educação*. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p. 141 – 174.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida; PENNA, Fernando. O trabalho intelectual do professor de História e a construção da educação democrática: Práticas de história pública frente a BNCC e ao ESP. (mimeo)
- FRISCH, Michael. A História pública não é uma via de mão única. In.:ALMEIDA, Juniele de; MAUAD, Ana; SANTHIAGO, Ricardo. (Orgs). *História Pública no Brasil: itinerários e sentidos*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Editora Vozes, Petrópolis, 1987.
- GOODSON, Ivor F. História do currículo, profissionalização e organização social do conhecimento; um paradigma alargado para a história da educação. In: *O currículo em mudança; estudos na construção social do currículo*. Porto: Porto Ed, 2001. p. 101.
- _____; Dar voz ao professor: as histórias de vida de professores e o seu desenvolvimento profissional. In NÓVOA, Antônio (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.
- HUYSSSEN, Andreas, “Passados presentes”. In **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, pp 9 – 40.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco; “A incorporação do testemunho oral na escrita historiográfica: empecilhos e debates”. In **História Oral**, v. 13, n. 1, p. 9 – 22; 2010.

LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve; A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LIMA, José Aldaécio De; **O ensino de história local: possibilidades e desafios**. E-book SINAFFRO. Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 780-795. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/39640>>. Acesso em: 18/11/2019

MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!" Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História." **Tempo** [online], vol. 11, 2006

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A História: cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9-24, 1992.

MEYER, Eugenia; O fim da memória. In *Estudos Históricos*. v. 22, n. 43. Rio de Janeiro; RJ; jan/jun 2009 p. 31-44

MILLS, Charles. Wright. Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NÓVOA, António. Pesquisa em educação como processo dinâmico, aberto e imaginativo: uma entrevista com António Nóvoa. **Educação & realidade**, v. 36, n. 2. Porto Alegre; RS, maio/ago 2011. p. 533-543. Disponível em: <http://seer.ufrgs.educaoerealidade/article/view/21170>

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia; Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. **Psico**, v. 45, n. 2. Santa Maria – RS, abr/jun 2014. P. 187-197. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13347>

REZNIK, L.. Qual o lugar da História local?. In: V Taller Internacional de Problemas Teóricos y Prácticos de la Historia Regional y Local, 2003, Havana - Cuba. V Taller Internacional de problemas Teóricos y Prácticos de la Historia Regional y Local. Chapingo, Mexico: Departamento de Sociologia Rural/ Instituto de Historia de Cuba, 2002.

RICOUER, Paul; A memória, a história o esquecimento. Campinas, SP; Editora da Unicamp; 2007.

SACKS, Oliver. “A falibilidade da memória”. In **O rio da consciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2017, p.78-92.

SANTOS, J. J. M. dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. In **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 9(1):105-24, jan.-abr. 2002.

_____; Aprender e Ensinar: a História do Lugar – Memórias e Identidades. In: XV Encontro regional de história da Anpuh; 2012; São Gonçalo – RJ; Anais eletrônicos do evento; disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338508213_ARQUIVO_ANPUH2012TextoIntegral.pdf

SANTOS, Luciana Souza; A noção de transposição didática e o bom ensino de história; XXVII Simpósio Nacional de História – Anpuh; Natal – RN; 2013

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do professor de história no cotidiano da sala de aula. In: BITENCOURT, Circe (org). **Saber histórico na sala de aula**. São Paulo, Contexto, 1998.

Base Nacional Comum Curricular in http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf; Download realizado em 06 de janeiro de 2019

SMITH, Richard Cândida; História Oral na Historiografia: a autoria na História. In **História Oral**, v. 13, n 1, p. 23-32; 2010.

VOLDMAN, Danièle; Definições e usos; In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes; Usos e abusos da História Oral. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2006.

6 – Anexos

6.1 – Carta de apresentação

Laboratório de História do Rio de Janeiro – LabHisRio

Professor: Leonardo Arruda

O LabHisRio é o espaço privilegiado para a realização de atividades extracurriculares com foco no desenvolvimento de projetos em História Oral, Memória e História Local. Por meio da realização de encontros virtuais com os alunos (por meio da plataforma do Google Sala de Aula) elaboramos atividades que visam a construção de um olhar mais crítico sobre a História, nossa cidade, bairro e trajetórias pessoais.

Os alunos serão convidados a participar desse laboratório e tal adesão será voluntária, não implicando em questões de caráter avaliativo. Nesse momento serão convidados apenas os alunos das turmas de segunda e terceira séries da unidade de Botafogo. A ideia original era estender tal convite aos alunos da unidade da Tijuca, mas nesse momento não será possível.

O LabHisRio encontra-se em processo de implementação e nesse primeiro momento nosso objetivo é, por meio de entrevistas, entender como a inauguração da estação de metrô do bairro de Botafogo impactou a vida dos moradores e daqueles que trabalham ou trabalharam no bairro. Um trabalho como esse mobiliza diversas áreas do conhecimento e impacta de forma positiva no desenvolvimento de vários saberes junto aos alunos.

A metodologia de trabalho consiste em encontros virtuais pela plataforma do Google Sala de Aula obedecendo a uma escala de atividades. Por conta da excepcionalidade do momento em que vivemos, fomos obrigados a realizar algumas modificações que objetivaram viabilizar a execução dessas atividades em tempos de isolamento. A primeira delas foi a redução no número de encontros, que passou de seis para quatro. Outra modificação importante foi a possibilidade dos alunos realizarem as

entrevistas de forma remota, por e-mail, vídeo conferência ou quaisquer outras formas de comunicação a distância. A rotina dos encontros segue abaixo:

Encontros	Atividades propostas
1º encontro	Apresentação do Laboratório e do projeto a ser desenvolvido além de um papo sobre História Oral, memória e História Local.
2º encontro	Papo sobre os possíveis entrevistados; onde procurá-los e como fazer a seleção para a entrevista. Elaboração do roteiro a ser utilizado.
3º encontro	Encontro pré-entrevista: dúvidas gerais
4º encontro	Encontro pós-entrevista: relatos sobre a experiência e troca de impressões entre os alunos.

Descrição das atividades:

1º encontro: Será feita uma breve exposição do LabHisRio, focando em seus objetivos e metodologia de trabalho, bem como em possíveis resultados. Nessa oportunidade conversaremos sobre o que os alunos entendem como História Oral, Memória e História Local, sendo estimulados a pensarem em como esses pontos tocam o nosso cotidiano.

2º encontro: O foco nesse momento volta-se aos possíveis entrevistados, onde encontrá-los e quais seriam os critérios para a escolha dessas pessoas. Ao final elaboraremos em conjunto o roteiro da entrevista a ser realizada, com ênfase na sequência das perguntas.

3º encontro: Momento para uma conversa voltada para as possíveis dúvidas e dificuldades para a execução das entrevistas. Ajustes técnicos e metodológicos.

4º encontro: Último encontro com os alunos: espaço para a troca de experiências e de impressões sobre o trabalho. Uma conversa sobre como o LabHisRio impactou cada um dos alunos e se a experiência foi positiva. Os alunos serão estimulados a escreverem sobre essa prática.

Nosso objetivo é demonstrar, por meio da metodologia da História Oral, uma das formas de se conceber a construção do conhecimento histórico e a partir desses debates, capacitar os alunos a uma melhor compreensão da realidade histórica e seus desdobramentos na sociedade.

6.2 – Apresentação do projeto para os gestores do colégio

Proposta de Trabalho

Laboratório de História do Rio de Janeiro (LabHisRio)

Professor: Léo Arruda

Resumo: O presente trabalho objetiva demonstrar como as ações realizadas junto ao Laboratório de História do Rio de Janeiro (LabHisRio), no ambiente escolar, podem contribuir para o desenvolvimento de saberes conectados com o cotidiano dos alunos e sua própria história. O LabHisRio é o espaço privilegiado para o desenvolvimento de diversas atividades envolvendo várias formas de trabalho com a História, tendo como eixo central a cidade do Rio de Janeiro. No caso aqui apresentado será privilegiado o trabalho com a história oral e a memória e assim buscamos recontar, por meio de entrevistas realizadas pelos alunos, uma parte da história cidade onde moram por meio da inauguração da estação de metrô de Botafogo, bairro da zona sul da cidade. Este tipo de atividade possibilita aos alunos lançarem um novo olhar sobre a cidade onde vivem, aproximando-os da própria história. Acreditamos também que este trabalho realizado no laboratório contribuirá para a compreensão do fazer histórico, pois estaremos todos atuando como historiadores, ou no caso dos alunos, em uma ação historiadora.

1 – Introdução

Apresento aqui a proposta inicial deste trabalho que é construir dentro do espaço escolar um Laboratório de História do Rio de Janeiro (LabHisRio), para o desenvolvimento de atividades relacionadas às ciências humanas, com concentração na área de História. O LabHisRio configura-se como o espaço privilegiado para a execução de diversas atividades que permitem aos alunos uma maior compreensão do fazer histórico, tendo como ponto de partida a história da cidade do Rio de Janeiro. Os alunos foram convidados a participar de projetos dentro do LabHisRio e neles tiveram contato com algumas formas de fazer História, assumindo uma atitude historiadora⁴⁰. Utilizando fontes (muitas vezes primárias), eles foram capazes de compreender como a história pode ser construída, por meio de seus embates, problematizações e encaminhamentos. Ao concluírem o projeto foram convidados e estimulados a elaborarem um artigo sobre essa experiência, encerrando um ciclo de atividades dentro do laboratório.

O LabhisRio é um espaço multidisciplinar e assim possibilita contribuições de várias disciplinas como a Geografia, Sociologia, Filosofia, Literatura, dentre outras e cada uma delas contribui dentro de sua especificidade, reforçando a ideia de que o conhecimento não é algo necessariamente compartimentado, evidenciando o diálogo entre as disciplinas. Assim podemos articular muitas formas de trabalhar com a História e isso se mostra possível por meio de debates sobre filmes e séries, análise de fotografias, organização de exposições e trabalhos de campo, sempre que possível em conjunto com outras disciplinas.

Em meio a tantas possibilidades que um espaço como esse oferece, optamos, em um primeiro momento, pela execução de um projeto que tem na História Oral o seu método de pesquisa. Ao contar a história da inauguração da estação de metrô de Botafogo, podemos, por meio dos relatos de pessoas entrevistadas pelos alunos, demonstrar a importância da memória no processo de construção da história local. Neste projeto, que será apresentado no decorrer do trabalho, buscamos resgatar aspectos cotidianos do bairro onde a está a escola e demonstrar como essa microrrealidade está inserida em dinâmicas e contextos mais amplos. O aluno torna-se capaz de perceber que

⁴⁰ Eu entendo que os alunos não são historiadores, mas acredito que se forem orientados poderão assumir o que chamamos de “atitude historiadora” e desta forma atuar tal qual um historiador, lidando com fontes, documentos e produzindo material de pesquisa.

acontecimentos aparentemente de menor importância têm impactos em estruturas narrativas e históricas mais amplas.

A adesão dos alunos ao LabHisRio é voluntária e desvinculada de quaisquer aspectos relacionados a notas e avaliações formais da escola, pois a minha preocupação é despertar nesses alunos o interesse por atividades não quantificadas e avaliadas por meio de notas ou bonificações. Contudo, o professor responsável pelo laboratório enfrenta diversos desafios, sendo um deles o de manter seus alunos estimulados até o término das atividades propostas, incluindo a escrita do artigo final, relatando a experiência vivida no laboratório, bem como os resultados dessa prática. Trabalho este que será feito com autoria compartilhada entre alunos e professores.

2 – Metodologia

O ano de 2020 ficará marcado como aquele em que, por conta da pandemia de corona vírus, vimo-nos obrigados a reorganizar as ações de sala de aula e o laboratório terá que viver uma experiência virtual. Diante da impossibilidade de realizar os encontros com os alunos, optei por criar um espaço virtual para a sequência das atividades propostas por esse trabalho. Admito não considerar essa a forma ideal de trabalho, ainda mais quando se trata do desenvolvimento de um projeto, momento de questionamentos, ajustes, sucessos e fracassos. Fazer tudo isso de forma virtual não será uma tarefa fácil e alguns ajustes foram necessários.

O Colégio Curso Intellectus preparou uma estrutura de salas de aula virtuais, utilizando a plataforma do Google Sala de Aula e o LabHisRio vai fazer uso dessa plataforma, de forma a garantir a viabilidade desse projeto dentro de uma margem de segurança para nossos alunos.

Com relação à participação dos alunos, estabeleci que a adesão ao LabHisRio será voluntária e que não impactará sobre quaisquer práticas avaliativas, logo os alunos que não participarem não serão prejudicados. Com relação às entrevistas é possível que elas aconteçam de forma virtual (por e-mail ou quaisquer outras formas de comunicação) ou que os alunos entrevistem pessoas da própria família, com quem tenham contato diariamente ou que estejam dividindo a moradia.

O LabHisRio foi idealizado para funcionar forma presencial, com a realização de encontros regulares com os alunos e nessas oportunidades seria apresentado o rascunho das propostas e a partir daí construiríamos, a várias mãos, a atividade a ser desenvolvida em conjunto. Mas a realidade não permitiu esse encaminhamento e as adaptações que foram feitas podem ter tirado um pouco da força do projeto, mas não o inviabilizou.

Dentre essas adaptações destaco a redução no número de encontros, a ausência de um debate mais profundo sobre a História Oral, usos da memória, História Local e técnicas para a gravação das entrevistas⁴¹. A decisão de, excepcionalmente, reduzir o número de encontros tem por objetivo não atrapalhar ainda mais o andamento do já conturbado ano escolar de 2020. Sendo assim estabeleci que serão quatro encontros apenas. Segue abaixo o roteiro utilizado.

Unidade de Botafogo

Encontros	Atividades propostas
1º encontro	Apresentação do Laboratório e do projeto a ser desenvolvido além de um papo sobre História Oral, memória e História Local.
2º encontro	Papo sobre os possíveis entrevistados; onde procurá-los e como fazer a seleção para a entrevista. Elaboração do roteiro a ser utilizado.
3º encontro	Encontro pré-entrevista: dúvidas gerais
4º encontro	Encontro pós-entrevista: relatos sobre a experiência e troca de impressões entre os alunos.

Descrição das atividades:

1º encontro: Será feita uma breve exposição do LabHisRio, focando em seus objetivos e metodologia de trabalho, bem como em possíveis resultados. Nessa oportunidade conversaremos sobre o que os alunos entendem como História Oral, Memória e História Local, sendo estimulados a pensarem em como esses pontos tocam o nosso cotidiano.

⁴¹ A proposta original era fazer essa atividade com os alunos das unidades de Botafogo e da Tijuca do Colégio Curso Intellectus, mas diante de tantas excepcionalidades, considerei que não seria viável fazer isso e assim privilegiei a unidade de Botafogo.

2º encontro: O foco nesse momento volta-se aos possíveis entrevistados, onde encontrá-los e quais seriam os critérios para a escolha dessas pessoas. Ao final elaboraremos em conjunto o roteiro da entrevista a ser realizada, com ênfase na sequência das perguntas.

3º encontro: Momento para uma conversa voltada para as possíveis dúvidas e dificuldades para a execução das entrevistas. Ajustes técnicos e metodológicos.

4º encontro: Último encontro com os alunos: espaço para a troca de experiências e de impressões sobre o trabalho. Uma conversa sobre como o LabHisRio impactou cada um dos alunos e se a experiência foi positiva. Os alunos serão estimulados a escreverem sobre essa prática.

Após a conclusão dessas atividades passaremos a transcrição das entrevistas visto que elas fazem parte do acervo do Banco de Memórias do LabHisRio. E para finalizar esse projeto, os alunos foram convidados para escreverem, em qualquer formato, sobre a experiência de terem participado do laboratório, concluindo assim essa atividade.

3 – O espaço do Laboratório

Quando escutamos a palavra “Laboratório” logo nos vem a ideia de um espaço cheio de cientistas, usando jaleco branco e óculos, manipulando tubos de ensaio com líquidos coloridos de onde sai fumaça. Eventualmente o barulho desses tubos entrando e saindo de máquinas e suportes próprios de metal é interrompido por explosões, resultado de experimentos, bem sucedidos ou não. Podemos ainda imaginar o barulho de máquinas realizando testes ou talvez o som dos animais que podem ser usados como cobaias. Cientistas andando de forma apressada, gesticulando e conversando entre si completariam esse cenário. Diante desse exemplo nos vem à cabeça a seguinte indagação: “Seria possível existir um Laboratório de Humanidades?⁴²”. Acreditamos realmente que sim e parte desse trabalho é apresentar essa possibilidade.

⁴² Não foi fácil a escolha do termo “Laboratório” para esse espaço que propusemos criar. Além dele pensamos em Ateliê e Oficina. Ambos seriam ótimos, uma vez que são espaços que trazem a ideia de construir o saber de forma quase que artesanal, meticulosa e atenta, da mesma forma que faríamos em

A escolha pelo termo “Laboratório” para esse espaço que propusemos criar não foi simples. Além dele pensamos em Ateliê e Oficina. Ambos seriam ótimos, uma vez que são espaços que trazem a ideia de construir o saber de forma quase que artesanal, meticulosa e atenta, da mesma forma que faríamos em um laboratório. Mas a ideia de utilizar esse conceito é provocar e fazer referência ao fato de que a História também é uma ciência, com suas fontes, objetos e metodologias próprias.

Na década de 1970 os antropólogos Bruno Latour e Steve Woolgar passaram dois anos realizando um trabalho de campo no prestigiado Instituto Salk, em San Diego, Califórnia. A proposta deles era realizar um trabalho etnográfico, tendo como objeto de estudo o Laboratório de Neuroendocrinologia e tudo mais que envolvesse a pesquisa dentro desse espaço⁴³. Os próprios cientistas que lá trabalhavam foram alvo dos antropólogos, estes mais interessados em observar os métodos e as relações entre os profissionais do instituto do que necessariamente o que pesquisavam.

O resultado desse trabalho demonstrou que o laboratório é o espaço privilegiado para a realização da pesquisa e desenvolvimento de novas ideias, local para experimentações, onde o sucesso e o fracasso caminham bem próximos. Desta forma podemos afirmar que este trabalho inspirou--nos na elaboração da nossa própria ideia de Laboratório, sem necessariamente estar comprometido com o modelo comumente idealizado desse espaço, e sim com a construção de saberes em conjunto com os alunos, em que a rigidez da hierarquia escolar dará espaço ao diálogo na construção de saberes compartilhados.

O LabHisRio funcionará no espaço virtual do Google Sala de Aula. Criaremos uma sala voltada para os alunos interessados no projeto. Nesse espaço serão realizados os encontros, a troca de informações, debates e preparação para as entrevistas.

um laboratório. Mas a ideia de utilizar esse conceito é provocar e fazer referência ao fato de que a História também é uma ciência, com suas fontes, objetos e metodologias próprias.

⁴³ LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve; A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

4 – Resultados esperados

Além do Laboratório em si, outros produtos serão desenvolvidos ao longo das atividades como o Banco de Memórias, reunindo as entrevistas, fotos e possíveis vídeos feitos pelos alunos e um artigo escrito por todos nós, pois a divulgação do nosso trabalho é parte importante do processo e acreditamos que contribuiremos para a formação de cidadãos críticos, comprometidos com o seu papel social exercido cotidianamente⁴⁴

Os custos da organização desse projeto são relativamente baixos, uma vez que a escola disponibilizou o espaço para o Laboratório de História e uma equipe de informática para posterior organização online do Banco de Memórias. Os aparelhos para gravação das entrevistas serão os celulares dos alunos e o armazenamento das imagens e vídeos será feito de forma gratuita na plataforma virtual da instituição de ensino.

Ressaltamos que uma de nossas propostas é ampliar o alcance dessas atividades e estimular sua prática em outras escolas, independente de serem instituições públicas ou particulares. Entendemos que nem todas as escolas (na verdade uma minoria) possuem condições materiais para atividades custosas e essa é uma das nossas preocupações; propor uma atividade viável em quaisquer cenários.

5 – Conclusão

Acredito que os alunos que tiverem a oportunidade de participar dessa experiência desenvolverão diversas competências e habilidades, principalmente na área das ciências humanas. Além disso, ao lidar com a História de outra maneira, perceberão como o conhecimento histórico pode ser construído e assim se sentirão mais estimulados a desenvolverem suas atividades acadêmicas.

⁴⁴ A feitura desse artigo é de fundamental importância, dentro da ideia de autoria compartilhada. FRISCH (2016).

6.3 – Materiais entregues aos alunos que participaram do LabHisRio

Uma breve história do bairro de Botafogo

A origem do bairro remonta as Invasões Francesas do século XVI, quando Estácio de Sá, responsável pela defesa da Baía da Guanabara entrega as terras da enseada do Morro Cara de Cão (atual enseada de Botafogo) ao sesmeiro Antônio Francisco Velho, que ainda se apossou de outras partes do território, hoje correspondente aos bairros de Botafogo, Flamengo, Urca, Humaitá e Lagoa. O que hoje conhecemos como o bairro de Botafogo correspondia ao vale formado entre os morros Dona Marta e São João, cortado pelos rios Berquó e Banana Podre.

Essas terras tiveram vários donos, com destaque para o padre Clemente de Matos, que em 1680 construiu uma chácara na região, estimulando sua ocupação. A atual rua São Clemente tem esse nome em sua homenagem. Apesar dos seus esforços, o bairro só ganhou maior destaque após a chegada da família real ao Brasil, visto que a princesa Carlota Joaquina passou a morar na região, mais especificamente na atual rua Marquês de Abrantes. Sua presença no bairro estimulou a vinda de outras famílias da elite lusa, bem como de comerciantes que construíram suas lojas nas novas ruas próximas à casa da princesa.

Em meados do século XVIII chegaram os bondes, que dividiam com as carruagens as ruas estreitas do bairro. Paulatinamente a região foi se modernizando, com destaque para o abastecimento de água, lamparinas à gás, a fábrica de produtos químicos Aleixo Gary & Cia. e a criação do depósito de gás. Uma de suas principais ruas, a Voluntários da Pátria, inaugurada em 1826 com o nome de Rua Nova de São Joaquim, foi prolongada em 1870.

A paisagem do bairro transformava-se. Diversas mansões foram construídas e abrigavam famílias da elite carioca. A rua mais nobre era justamente a Rua São Clemente, endereço de vários cafeicultores. Em 1852 foi inaugurado o cemitério São João Batista, na base do morro de mesmo nome. Além do cemitério, destacamos as

igrejas da Matriz de São João Batista, de 1831 e mais tarde a construção da Igreja da Imaculada Conceição do Sagrado Coração de Jesus em 1892.

O bairro passou por profundas transformações no início do século XX e os novos moradores foram os responsáveis por essas mudanças. Operários das fábricas próximas, funcionários públicos, artesãos, militares, comerciantes e profissionais liberais passaram a ocupar as recém construídas vilas e cortiços. Para atender a população que se avolumava no bairro, surgem as primeiras escolas e clubes com destaque para o Colégio Imaculada Conceição, Colégio Santo Inácio e o Colégio Andrews. Quanto aos clubes, destacamos o Clube Guanabareense, o Clube Botafogo de Regatas e o Automóvel Clube.

Com a construção de túneis, como o Túnel do Pasmado, Túnel Engenheiro Marques Porto e Túnel Santa Bárbara, o bairro assumia a característica de um lugar de passagem, ligando o centro da cidade à zona sul. Tal situação contrasta com os seus casarões, que mantêm o ar aristocrático do bairro e remonta aos seus tempos áureos.

Ao longo da segunda metade do século XX a população do bairro aumentou e assim houve a necessidade de ampliar a rede de transporte público, o que culminou na chegada do metrô. Inaugurado em 1979, chegou a Botafogo em setembro de 1981, cercado de expectativa. Sua construção foi marcada por profundas alterações no cotidiano do bairro, causando muito transtorno e prejuízo aos comerciantes. A Fundação Romão Duarte teve suas terras desapropriadas para a construção das galerias da estação de Botafogo.

Um dos objetivos do governo com relação a essa estação de metrô era reduzir a quantidade de automóveis no centro da cidade e assim esperavam que os moradores da zona sul fosse de carro até Botafogo e seguissem para o centro de metrô. Nesse sentido, construíram alguns estacionamentos no entorno da estação, o que desagradou os moradores, desejosos de novas áreas de lazer, como praças. Outra preocupação da população local era com o maior fluxo de ônibus ligando o bairro à zona sul da cidade, o que deixaria as suas estreitas ruas ainda mais cheias.

Apesar dessas questões, a Estação de Botafogo foi inaugurada no dia 18 de setembro com grande festa e contou com a presença de todo o poder executivo, o

presidente João Figueiredo, o governador Chagas Freitas e o prefeito Júlio Coutinho, nenhum deles eleito diretamente, além do cardeal do Rio de Janeiro D. Eugênio Chagas.

Metodologia de trabalho

A metodologia das atividades a serem desenvolvidas no Laboratório vai variar de acordo com os objetivos buscados. Em um primeiro momento será apresentada a ideia de criarmos um Banco de Memórias do Bairro. Utilizaremos a noção de “Banco” como o lugar onde se pode armazenar e acumular informações, neste caso relacionadas ao bairro alvo dessa pesquisa⁴⁵. Os membros do laboratório serão convidados a realizar diversas entrevistas com parentes e moradores da região e utilizando esses relatos poderemos resgatar uma memória, comum ou não das pessoas que ali vivem.

A realização desta atividade prevê a leitura da bibliografia acerca de própria ideia de história oral, bem como os debates acerca do conceito de memória. Concluída essa fase inicial, passaremos a pesquisa sobre a história do bairro⁴⁶, procurando situações pontuais que possam ter deixado marcas na região e na vida dos moradores.⁴⁷ Após esse momento iniciaremos o preparo dos roteiros das entrevistas, uma atividade de construção coletiva, para que possamos uniformizar minimamente o que será perguntado pelos entrevistadores. Acreditamos que na prática as entrevistas não serão “linhas retas”, e sim um emaranhado de informações, todas elas relevantes nesse processo, mas ter um roteiro estruturado ajudará na construção da narrativa histórica acerca de nosso objeto. Lembramos ainda das questões práticas desse trabalho, incluindo a utilização de aparelhos de gravação de áudio, o que demandará o desenvolvimento de técnicas relacionadas a captação de áudio e a escolha de quais serão esses instrumentos⁴⁸.

⁴⁵ A escola onde será realizado esse trabalho se localiza no bairro de Botafogo, cidade do Rio de Janeiro. A escolha dessa escola se justifica pela relação estabelecida com a direção pedagógica, que por sua vez demonstrou enorme interesse nesse projeto, que poderá ser, nos próximos anos, estendido para as demais unidades da instituição.

⁴⁶ Joaquim Justino dos Santos utiliza o conceito de História do Lugar ao fazer referência à história dos espaços onde os alunos estão realizando as entrevistas. Uma espécie de micro história do espaço trabalhado.

⁴⁷ Neste ponto fazemos referência ao trabalho a respeito do incêndio do Gran-Circus Norte-Americano, ocorrido na cidade de Niterói em 1961 e que foi objeto de estudos do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI), localizado na Universidade Federal Fluminense. <http://www.labhoi.uff.br/node/52>.

⁴⁸ Buscando evitar custos, proporemos a utilização de aparelhos celulares, cientes de que o som pode não ficar nítido. Para minimizar esses problemas serão feitos diversos testes, buscando reproduzir as situações que serão vivenciadas e nesse sentido conseguir atingir nossos objetivos.

Outra possibilidade que este trabalho nos oferece é a montagem, ao fim do ano, de esquetes teatrais, nas quais os alunos representarão algumas das histórias que surgirem ao longo das entrevistas. Claro que a metodologia para a execução dessa atividade foge um pouco da dinâmica histórica, aproximando-se fortemente das artes cênicas. Nesse sentido já houve contato com o colégio, que disponibilizou um profissional dessa área para orientar os alunos. Acreditamos que tal desdobramento do projeto suscitará ainda mais interesse por parte dos alunos, além de uma maior integração com a comunidade escolar. A participação e envolvimento da família nas atividades escolares é fundamental para a consolidação do trabalho, além de colaborar com a maior visibilidade de todo o projeto, justificando assim sua execução.

O Laboratório como espaço onde estão os instrumentos que permitirão as análises das entrevistas é também o local onde acontecerá a produção do trabalho final. As entrevistas serão transcritas, lidas por todos e após essa etapa poderemos escrever um artigo sobre o que apuramos. Este artigo será um dos produtos dessa pesquisa e resultado de um trabalho coletivo, de autoria compartilhada. Para além desse artigo, precisaremos pensar em novas ações para mantermos o Banco de Memórias vivo, sendo constantemente alimentado e atualizado, pois imaginamos que o Laboratório de História seguirá suas atividades no ano seguinte quando novos temas poderão ser abordados e trabalhados com novos alunos.

Roteiro de Trabalho – 2º Encontro do LabHisRio

Professor Léo Arruda

O que é a História Oral?

Podemos entender como um recurso metodológico para o estudo do tempo presente. Permite a elaboração de documentos em formato de áudio, com ou sem imagem, referente à vida das pessoas entrevistadas. Sendo assim a História Oral é um registro da história de vida do entrevistado, com destaque para as suas memórias, que podem fazer referência a um passado mais ou menos distante. O entrevistado ao realizar seu relato de vida, produz uma fonte para a pesquisa histórica.

Entrevistas

Nem toda entrevista constitui uma fonte para estudos a partir da perspectiva da História Oral, visto que para produzir esse material precisamos obedecer a um método de pesquisa. Logo o registro dessa fala, orientada por um roteiro com foco em uma situação problema poderá se constituir como uma fonte de pesquisa.

Contribuição da História Oral

Utilizando dessa metodologia o historiador não precisará ficar preso somente aos registros oficiais e textos escritos acerca do seu objeto de estudo. A História Oral não tem por objetivo preencher lacunas, mas apontar outros aspectos sobre o mesmo objeto, além de oportunizar a escuta de grupos sociais tradicionalmente excluídos dos registros históricos.

Críticas à História Oral

A História Oral como campo de estudo e metodologia sofreu, e ainda sofre, com diversas críticas, a maioria delas relacionada como o uso da memória como recurso. A crítica justifica-se, pois sabemos que a memória pode ser distorcida ou influenciada por memórias coletivas. Mesmo assim lembramos que uma análise séria de qualquer assunto histórico deve ser feita após confrontarmos diversas fontes e o registro oral é mais uma dessas fontes e não a única. Destaco ainda que as fontes escritas, oficiais ou não, também devem ser objeto de crítica, pois podem da mesma forma, sofrer com interferências externas que orientem seu conteúdo.

Tipos de entrevistas da História Oral

História Oral de vida – quando o entrevistado narra a sua trajetória pessoal, sem um roteiro muito amarrado. O entrevistador atua muito de improviso, o que demanda conhecimento prévio da pessoa a ser entrevistada, bem como dos locais por onde ela passou em sua vida.

História Oral temática – registro a partir de uma situação problema. O entrevistado foi selecionado pela relevância de suas ações diante do tema a ser investigado. Esse tipo de entrevista demanda um roteiro mais “amarrado” e um maior cuidado na relação com o entrevistado, visto que buscamos informações sobre um determinado assunto e é comum o entrevistado “fugir do tema”, focando aspectos de sua vida pessoal. Cabe ao entrevistador o cuidado de retomar os pontos do roteiro sem gerar constrangimento, visto que o entrevistado pode se “fechar” e não mais falar sobre o assunto. Uma estratégia que pode ser utilizada aqui é lembrar que há um roteiro de questões a ser seguido e que, por mais importante que seja a fala naquele momento, seria bom voltarmos ao ponto central da entrevista.

Procedimentos técnicos para a realização das entrevistas

Nesse momento faremos o registro das entrevistas e poderemos adotar duas possibilidades. A primeira delas seria fazer o registro somente com o auxílio de um gravador, que no caso poderá ser o aparelho celular do entrevistador. Peço que utilizem no mínimo dois aparelhos para evitarmos a perda da entrevista. Outra possibilidade é realizar a entrevista fazendo o registro em vídeo. Essa situação demanda maior aparato técnico e preparação e recomendo que se façam testes de câmara (som, imagem, luz ambiente). Independente da opção pelo registro em vídeo faça também o registro com um gravador.

Marcação e realização da entrevista

O local e horário da entrevista são definidos pelo entrevistado e os pesquisadores definem o tema. O entrevistado deve ser informado dos objetivos dessa entrevista, do método utilizado para o registro desse momento. Caso o entrevistado mostre-se desconfortável com o registro em vídeo, deve-se utilizar então somente da gravação em áudio. Caberá aos entrevistadores levar os documentos de cessão da entrevista para que o entrevistador tenha ciência do que será feito com esse registro.

É importante evitar que a entrevista seja feita em local público ou muito aberto, por conta do registro sonoro. Em tempos de pandemia podemos realizar a entrevista por meio de plataformas digitais como o GoogleMeet ou o Zoom, de acordo com a disponibilidade técnica. É importante lembrar que tais encontros devem ser gravados.

No caso das entrevistas temáticas é interessante nos atermos ao roteiro previamente estabelecido, mas pequenos devaneios não são um grande problema. É importante que o entrevistado sinta-se a vontade com o entrevistador e com a própria entrevista.

Na conversa prévia é interessante destacar que o entrevistador pode levar documentos ou objetos que tenham relação com o tema da entrevista e diante de autorização do mesmo, fazer cópias (fotos bastam).

Durante a entrevista deve-se ficar atento aos sinais de cansaço do entrevistado. Caso perceba isso, sugira continuar a entrevista em outro momento e remarque-a. Faça as perguntas uma de cada vez e ao obter a sua resposta, passe para a seguinte. Evite questionamentos duplos, as perguntas são diretas. Não interrompa a fala do entrevistado, caso seja necessário dê sinais de que deseja falar algo. Não discorde do narrador, não induza respostas, não o corrija e nem complete suas frases.

Elaboração das perguntas e entrevista

Início da entrevista: Elabore as primeiras perguntas de forma a “quebrar o gelo”, deixando a conversa fluir. Dê preferência a aspectos da vida pessoal, perguntando nome, local e ano de nascimento, onde mora e há quanto, se casou, se teve filhos, profissão, onde trabalhou...

Segunda parte da entrevista: As perguntas agora são sobre o objeto da pesquisa e devem seguir o roteiro, embora o entrevistador possa refazer as perguntas de acordo com suas percepções ao longo da conversa. As perguntas elaboradas anteriormente funcionam como um guia. Após o término dessa parte e com o objetivo alcançado, agradeça ao entrevistado pela concessão desse relato e peça que ele faça um comentário sobre como foi conceder essa entrevista.

6.4 – Modelos de Cartas de Cessão

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS PARA MENOR DE IDADE SOBRE IMAGENS E ÁUDIO

Pelo presente documento eu _____,
CPF/RG nº _____, responsável legal (parentesco
_____) de _____
documento (certidão de nascimento, RG ou CPF) nº _____
declaro ceder ao Colégio e Curso Intellectus, Rio de Janeiro - RJ, a plena propriedade e
os direitos autorais das imagens e/ou áudio do menor em entrevista realizada no dia
___/___/_____ ao Laboratório de História do Rio de Janeiro (LabHisRio) sob a
coordenação do professor de História Leonardo Arruda Gonçalves.

O Colégio e Curso Intellectus fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento no todo
ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins
idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte. Desde a
presente data fica vinculado o controle ao Colégio e Curso Intellectus, que tem sua
guarda.

_____, _____ de _____ de _____
(cidade) (dia) (mês) (ano)

(assinatura do responsável)

(assinatura do menor)

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO
ORAL**

Pelo presente documento eu _____, CPF/RG nº _____, declaro ceder ao Colégio e Curso Intellectus, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei em entrevista realizada no dia ___/___/_____ ao Laboratório de História do Rio de Janeiro (LabHisRio), sob a coordenação do professor de História Leonardo Arruda Gonçalves.

O Colégio e Curso Intellectus fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte. Desde a presente data fica vinculado o controle ao Colégio e Curso Intellectus, que tem sua guarda.

_____, _____ de _____ de _____
(cidade) (dia) (mês) (ano)

Assinatura: _____

6.5 – Roteiro para a entrevista

Roteiro de perguntas para a entrevista do projeto sobre a inauguração da estação de metrô de Botafogo.

Apresentação (O entrevistador se apresenta, informando o dia da entrevista e o tema principal e introduz o entrevistado). Eu sou (seu nome), hoje é dia (data) e vamos conversar sobre a inauguração da estação de metrô de Botafogo com (nome da pessoa entrevistada e uma pequena explicação que justificou o convite).

Desenvolvimento da entrevista

- Bom dia! Para começar essa conversa o senhor(a) poderia nos contar como se deu a sua relação com o bairro de Botafogo? (moradia, trabalho, passeio, relacionamentos)
- Você se lembra de quando ainda estava em construção, da obra em si e das expectativas que tinham de melhora?
- E como o metrô impactou a sua relação com o bairro? Quais foram as maiores mudanças na região após a inauguração metrô?
- Sobre horários e dias de funcionamento. O metrô sempre funcionou como hoje? Houve mudanças nesse sentido?
- Antes do metrô por qual meio de transporte você se locomovia pela cidade, dava vazão?
- Esse meio de transporte era acessível? Quem utilizava o metrô? Você e ou sua família o utilizavam com frequência? Você se lembra se as pessoas dessa região começaram realmente a usar o metrô, se era produtivo pra elas?
- As passagens eram caras? Como funcionava o sistema de bilhetes do metrô?
- Nesse momento já tinham problemas e reclamações com relação ao funcionamento do metrô?
- O senhor(a) teria alguma experiência interessante para nos contar sobre o metrô? Agradecimentos e não se esqueça da carta de cessão.

6.6 – Transcrição da entrevista

Entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2020 na cidade do Rio de Janeiro. Entrevistadora Cecília Santana Valério e entrevistado Sérgio Mello Valério.

Cecília: Bom dia, meu nome é Cecília eu tô aqui para conversar com o Sérgio sobre a inauguração do metrô de Botafogo.

Sérgio: Bom dia, meu nome é Sérgio eu vou aqui responder as perguntas que a Cecília fizer sobre o metrô de Botafogo e eu me lembro que na época que começou o metrô eu ainda era bem jovem e vou responder as perguntas dela aqui agora.

C: Bom, para começar você pode falar um pouco como era a sua relação com o bairro de Botafogo, se era de moradia ou se você só frequentava, como que era?

S: Eu morava em Copacabana nessa época e estudava no Humaitá então toda a condução que eu pegava era o ônibus passava por Botafogo. Então todo dia eu passava em Botafogo e a minha relação era essa né? De transporte entre a casa e a escola.

C: Mas você costumava frequentar o bairro em si?

S: Sim, frequentava. Tinha amigos da escola que moravam lá, e... a noite tinha bastante coisa, casa noturna, barzinho e fora esporte, as vezes eu ia lá jogar vôlei... então frequentava sim.

C: Sobre o metrô do bairro. Você lembra das obras, da inauguração ou conheceu o metrô quando já era inaugurado?

S: Eu me lembro das obras, a inauguração não me lembro muito bem, mas lembro das obras e depois de inaugurado era um trecho pequeno entre Botafogo e Centro então melhorou assim, para quem morava em Botafogo e trabalhava no Centro já foi uma ajuda boa né, de transporte.

C: E como o metrô impactou a sua relação com o bairro? Quais foram as maiores mudanças do bairro depois do metrô?

S: É, para mim que morava em Copacabana não mudou muita coisa, eu continuei tendo que vim de condução, de ônibus né, mas o trânsito em Botafogo melhorou que lá

sempre teve muitas escolas e muita gente ia de carro então, eram poucas ruas né, as duas ruas principais que é São Clemente e Voluntários viviam com muito trânsito e depois do metrô melhorou né, o trânsito melhorou então essa foi logo de início uma vantagem mesmo para quem não morava no bairro mas que passava por lá né.

C: Sobre os horários e os dias do funcionamento. O metrô sempre funcionou como hoje ou tiveram mudanças nesse sentido?

S: Não, tiveram mudanças. No início o horário era mais restrito, não me lembro exatamente os horários, mas eram mais restritos. A noite terminava mais cedo. É e se não me engano também no início não funcionava aos domingos. Fim de semana também era restrito porque entre Centro e Botafogo não tinha necessidade, que no domingo ninguém trabalha.

C: Antes do metrô, por qual meio de transporte você se locomovia pela cidade? E esse meio dava vazão?

S: Nessa época era ônibus, só andava de ônibus. Dava vazão, mas muitas vezes demorava. Trajeto assim, não muito longo, a gente perdia muito tempo. Então o metrô ajudou nesse ponto, de melhorar o trânsito para ônibus, carro, etc.

C: Esse meio de transporte era acessível? Quem costumava utilizar o metrô?

S: Era acessível. Na verdade, no início quem costumava usar era basicamente quem morava em Botafogo e trabalhava no Centro. Nessa época da inauguração de Botafogo essa linha era curta. Essa primeira linha era curta. Então basicamente quem morava em Botafogo e trabalhava no Centro.

C: E você utilizava com frequência? Conhece pessoas que fazem ou fizeram muito uso dele?

S: Não, nessa época ouça gente usava. Eu conhecia as pessoas que moravam em Botafogo, estudavam em Botafogo ou morava em Copacabana ou outros lugares, mas que morasse no centro e estudasse em Botafogo era muito difícil porque no Centro quase ninguém mora, morava e nem mora hoje. Então pouca gente, assim da minha faixa etária, na época usava. Mas quem trabalhava no Centro e morava em Botafogo. Depois com a ampliação da linha né, pra outros bairros né, Copacabana e etc né, e do

outro lado chegando até a Tijuca, isso muitos anos depois, começou a ser muito mais usada eu, assim, eu comecei a usar, aí muitas pessoas que eu conhecia.

C: As passagens eram caras ou eram mais acessíveis para a população?

S: Não me lembro muito bem, mas eu sei que não eram caras. Era um pouco mais cara que o ônibus e, mais barato do que táxi. Então acho que era um preço acessível sim. Como o trajeto era curto, normalmente a pessoa que usava tinha depois que completar com ônibus ou alguma outra coisa. Isso no início.

C: E como funcionava o sistema de bilhetes do metrô?

S: É, você tinha que comprar com dinheiro né, você pagava e eles davam o ticket e você passava pela roleta. Dava um cartãozinho, não era bem um cartão, era uma fitinha que você encaixava na roleta e liberava para você entrar. Não tinha nada das coisas que tem hoje, vale transporte, esses cartões né? Você pagava, comprava no dinheiro e passava na roleta.

C: Para finalizar, você teria alguma experiência interessante pra nos contar sobre o metrô?

S: [pausa] Experiência interessante... bom tem, tem mais recente né, não daquela época. Mas, agora recentemente na, quer dizer, há quatro anos atrás, nas Olimpíadas, eu trabalhei lá no Parque Olímpico, pela minha empresa, Embratel, e todos os dias eu fazia esse trajeto, na verdade do Centro até a Barra, foi na época que inaugurou a estação da Barra e era nessa época muitos estrangeiros, muita gente de todos os países que vieram participar das Olimpíadas, assistir. Então foi uma experiência muito interessante, de todos os dias, muita alegria, muita gente de vários países misturado, foi uma experiência muito boa, que o metrô proporcionou aí para a gente.

C: Então foi isso, muito obrigada por essa conversa.

S: Obrigado a você e espero ter ajudado com as informações e com a minha lembrança.

Fim da entrevista.